

Estudo da toponímia do Município de Saurimo – Princípios para a harmonização da grafia

Catele Conceição Teresa Jeremias

Dissertação de mestrado em terminologia e gestão de informação
de especialidade

Maio de 2015

Estudo da toponímia do Município de Saurimo – Princípios para a harmonização da grafia

Catele Conceição Teresa Jeremias

Dissertação de mestrado em terminologia e gestão de informação
de especialidade

Maio de 2015

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão de Informação de
Especialidade, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora
Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia. Este trabalho é também o resultado de consulta das obras que tive ao meu alcance e das orientações da minha orientadora.

O candidato,

Catele Conceição Teresa Jeremias

Lisboa, de de 2015

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A orientadora,

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Lisboa, de de 2015

Agradecimentos

Agradeço primeiro ao Eterno e Supremo YHWH que me deu a vida, e me proporcionou momentos que levaram a aceitar o desafio para começar a investigação numa área pouco estudada em Angola.

À minha tutora, Professora Doutora Teresa Lino, pelo suporte, paciência e encorajamento.

À Doutora Paula Henriques, pelo direcionamento, mediação e encorajamento.

À Direcção de Ordenamento do Território do MAT e ao Governo da Província da Lunda Sul.

À Cristina Sá Valentim, companheira de campo, pelo suporte bibliográfico que em muito ajudou a redação desta dissertação.

À família Borges Tavares, bons amigos e bons conselheiros, obrigado.

Aos meus colegas, companheiros fiéis, amigos preciosos em todos os momentos.

A todos informantes que ajudaram na concretização desta dissertação, especialmente o regedor Kazembe Jacinto Txissoka, o regedor adjunto Domingos Riangué, o regedor Sameneka Domingos Musehenu Filipe o padre Abel Kawoyongo, o padre César Mbumba, o meu muito obrigado.

Resumo

O presente trabalho oferece contribuições no campo da Onomástica, ciência que se encarrega do estudo dos nomes próprios, na vertente toponímica relativa ao estudo dos nomes geográfico, num enfoque etnolinguístico que apresenta as motivações toponímicas e a grafia correcta do topónimo na fonologia da língua do denominador. Atendendo às diferentes grafias que apresentam os nomes de lugares em diversas partes do território angolano, nas línguas em que estes nomes se apresentam, esta dissertação centra-se na análise dos principais motivadores de variação gráfica dos topónimos do município de Saurimo, apresentados em sua maioria na língua *Cokwe* em contacto com o Português. Apresenta-se a história e fixação da etnia *Cokwe*, os fundamentos morfofonológicos do *Ucokwe*, algumas influências sofridas pelo Português, diferenças com o Português, classificações taxonómicas, essenciais para análise e reformulação da grafia dos topónimos escritos, na sua maioria, em *Ucokwe*.

PALAVRAS-CHAVES: Onomástica, Toponímia, Léxico, município de Saurimo, língua *UCokwe*, harmonização.

Abstract

This paper makes a contribution in the field of Onomastics, a science dedicated to the study of proper names, in this case specifically in relation to toponymy – the study of place names – adopting an ethnolinguistic focus to investigate the reasons behind the toponyms and the correct spelling of the toponym in the phonology of the denominated language. Taking into account the different spellings given to place names in different regions of Angola, in the languages of these names, this dissertation analyses the main reasons behind the spelling variations of the toponyms in city of Saurimo, most of which are presented in the *Ucokwe* language in contact with the Portuguese language. The history and settlement of the *Cokwe* ethnic group is presented, as well as the morphophonological foundations of *Ucokwe*, some influences coming from Portuguese, differences in relation to the Portuguese language and taxonomic classifications, which are essential aspects to analyse and reformulate the spelling of the written toponyms, mostly in *Ucokwe*.

KEY WORDS: Onomastics, Toponymy, Lexicon, City of Saurimo, *Ucokwe* language, harmonisation.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice.....	vi
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1 – Lexicologia e léxico.....	4
1.1 Lexicologia. Léxico da língua.....	5
1.2 Origens e história do léxico da língua Portuguesa	6
1.3 Processos de renovação do léxico	7
1.3.1 Neologia e neologismos	9
1.3.2 Tipos de neologia	9
1.4 Contacto entre línguas	11
1.5 Importância da Lexicologia para a Toponímia	14
Capítulo 2 – CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA PROVÍNCIA DA LUNDA – SUL	16
2.1 Línguas Bantu de Angola. Classificação	17
2.2 Caracterização sociolinguística da província da Lunda – Sul e do Município de Saurimo.....	19
2.3 Grupo etnolinguístico <i>Tucokwe</i> ou Lunda – Cokwe	21
2.4 Migrações dos <i>Tucokwe</i>	23
2.5 Língua Cokwe e suas Variantes.....	29
2.5.1 Características da Língua Cokwe	31
2.5.2 Fonética e fonologia da língua Cokwe	33
2.5.3 Alfabeto do Cokwe: características de algumas consoantes.....	34
2.5.4 Vogais em Cokwe	37

2.5.5 Morfologia do Cokwe.....	38
2.5.6 Classes dos prefixos em Cokwe	40
2.6 Toponímia do Município de Saurimo	42
2.6.1 Categorias toponímicas	44
2.6.2 Sistema Toponímico Taxionómico	46
2.6.2.1 Taxionomias de Natureza Física	46
2.6.2.2 Taxionomias de Natureza Antropo-cultural	46
2.7 Toponímia e identidade cultural de uma sociedade.....	48
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA RECOLHA DE CORPUS DOS TOPÓNIMOS	50
3.1 Delimitação da região	51
3.2 Constituição do <i>corpus</i>	52
3.3 Amostragem	53
3.4 Análise de topónimos	53
3.5 Base de dados dos topónimos	64
3.6 Harmonização da grafia dos topónimos	65
3.7 Princípios para a harmonização da grafia dos topónimos	67
Conclusão	71
Bibliografia geral.....	73
Lista de figuras	82
Lista de tabelas	82
Apêndices	84
Apêndice 1- Entrevistas e questionários	85
Apêndice 2- Entrevistados	90
Apêndice 3- Fotografias	92
Apêndice 4- Alfabeto do ucokwe (resolução 3/87)	97

Introdução

A toponímia é uma área da Onomástica que se ocupa do estudo dos nomes de lugares, atendendo às motivações que originam esses nomes na língua do denominador.

A toponímia de Angola tem influências gráficas e fonológicas de várias línguas, apresenta variações gráficas resultantes destes cruzamentos linguísticos.

O contacto do Português com as línguas Bantu de Angola, na época colonial, deixou várias marcas que podem ser sentidas no léxico das línguas, por meio de portuguesismos, neologias e nos nomes próprios de lugares e de pessoas, presentes em várias culturas e regiões, em especial na cultura Cokwe.

Em várias regiões de Angola, existem falantes que usam os nomes dos lugares sem associarem correctamente a pronúncia do nome com a sua grafia originária e sem conhecerem as motivações históricas e culturais que contextualizam esses nomes. Noutros contextos, muitos nomes vêm escritos de várias formas, por exemplo, em vários documentos oficiais e não oficiais, nas administrações municipais, nas escolas e comissões de bairros; essas formas de escrita demonstram desconhecimentos das regras correctas da escrita dos nomes e também falta de criação de condições eficazes para a difusão dos topónimos e de suas formas gráficas correctas, por parte do Estado.

Apesar de haver um forte contacto entre a Língua Portuguesa e as línguas Bantu e apesar das inibições que estas últimas sofreram no período colonial houve muitos nomes que se mantiveram nessas línguas. Contudo, a fraca produção literária e o desconhecimento das regras de formação de palavras levou a uma adaptação da escrita desses nomes com recurso às regras fonológicas da língua Portuguesa, retirando a identidade originária nas línguas em que se enunciam os nomes de lugares.

Este trabalho tem por fim fazer um **estudo da Toponímia do Município de Saurimo** e propor alguns **princípios para harmonizar a grafia** dos topónimos existentes naquela circunscrição geográfica, assim como propor a grafia correcta desses nomes na língua de origem do topónimo.

Partindo do princípio que os habitantes da Província da Lunda-Sul e os órgãos da Administração Local têm conhecimentos relativos aos aspectos históricos e às motivações que originaram os topónimos, criamos as seguintes hipóteses:

1. Actualmente não existem, em Angola, critérios para atribuição dos topónimos o que leva à existência de variações gráficas que dependem de região para região.
2. Os factores que se encontram na base de variação gráfica do topónimo têm a ver com a falta de dicionário onomástico em Cokwe e na maioria das línguas de Angola.

3. As variações de grafia criam problemas na escrita dos topónimos já existentes

São objectivos do nosso trabalho:

1. Estudar a importância da Lexicologia para o estudo da toponímia quanto à regularização gráfica e seus respectivos gentílicos.
2. Identificar a origem e o significado dos topónimos do município de Saurimo bem como as suas particularidades.
3. Explicar o valor sociocultural e linguístico de alguns topónimos.
4. Caracterizar a situação sociolinguística e étnica da língua *Cokwe* e dos *tucokwe*.
5. Analisar a estrutura morfológica, fonética e fonológica da língua *Cokwe*.
6. Descrever a origem, o significado e as motivações dos topónimos e gentílicos do município de Saurimo.
7. Escrever correctamente os topónimos do município de Saurimo, tendo em conta as regras fonológicas da língua em que se expressam.

No primeiro capítulo do trabalho, propomo-nos analisar o léxico da Língua Portuguesa, sua evolução, os empréstimos do Português à língua *Cokwe* e a relação entre a Lexicologia e a Onomástica. Destacamos pequeníssimas semelhanças e diferenças estruturais entre as duas línguas e a importância que tem o estudo da estrutura das palavras na Lexicologia para o campo da Onomástica.

No segundo capítulo fazemos uma Caracterização Social e Linguística da Província da Lunda Sul, do Município de Saurimo e de alguns aspectos morfológicos e fonológicos da língua dos *tucokwe*, o *Ucokwe*.

Apresentamos neste capítulo o objecto do nosso estudo: a província, o município e a língua que serve de base para análise da estrutura morfofonológica dos topónimos. Analisa-se o percurso histórico dos *tucokwe*, a sua incidência territorial e cultural e algumas características estruturais e culturais do *ucokwe*, falado no município em estudo.

No terceiro capítulo, classificamos os topónimos do município e apresentamos as propostas de harmonização para uma escrita correcta dos topónimos na língua do denominador.

Os topónimos analisados correspondem a uma porção representativa do Município de Saurimo. São analisados numa perspectiva linguística, cultural, taxionómica e fonológica.

A apresentação e classificação dos topónimos baseiam-se sobretudo no Sistema Toponímico Taxonómico proposto por DICK (1990, 1992, 2007), tendo como base de análise múltiplas variáveis de análise apresentadas neste trabalho.

Tabela de abreviaturas usadas

Abreviaturas	Significados
Adj.	Adjunto
Art.º	Artigo
Av.	Avenida
Cf.	Confira
Fig.	Figura
LC	Língua Cokwe
N/E	Não Existe
Nm	Nome
Pl.	Plural
S.	Singular
STT	Sistema Toponímico Taxionómico
S/p	Sem proposta
Top.	Toponímia

Capítulo 1

LEXICOLOGIA E LÉXICO.

1.1 Lexicologia. O léxico da língua.

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico de qualquer língua; estuda as palavras susceptíveis de uso em todas as suas formas e nas diversas relações que estas estabelecem com outras unidades lexicais.

Segundo ALVES (2011: 430) Lexicologia (do grego, *lexicon+logia*), ramo da linguística que se encarrega do estudo teórico das palavras e suas relações, pode ser abordada sob perspectiva morfológica (unidade lexical) e sob perspectiva semântica (englobando a sinonímia, antonímia, a homonímia e a polissemia).

Pode-se também definir a Lexicologia como estudo científico do léxico que integra várias teorias linguísticas e variados métodos com vista à obtenção de diversas designações, (LINO, 199 citado por CAMEIA, 2013:12).

Em Lexicologia estuda-se o léxico geral e o léxico individual, isto é, o vocabulário que constitui a fala do indivíduo. Não só se inclui no estudo, o léxico geral da língua, mas também o vocabulário que se manifesta no discurso diário do falante.

No princípio do século XX, com a afirmação da Linguística como ciência moderna, a Lexicologia constituiu-se como Ciência a partir da Linguística estrutural, entre 1920-1930, definindo logo a sua especificidade relativamente ao estudo das unidades lexicais, elementos imprescindíveis que concretizam a existência social de uma língua.

Ao estabelecer a sua especificidade e autonomia, a Lexicologia passa a englobar no seu estudo fenómenos concernentes à criação lexical, formação de unidades lexicais, a etimologia, relacionando-se com a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica.

Em contexto linguístico, o léxico corresponde ao conjunto de palavras e às relações morfológicas, fonéticas, fonológicas, sintáticas e semânticas que elas estabelecem entre si (cf. VILELA, 1994: 10).

Podemos distinguir o léxico comum, pertencente ao acervo cultural de todos os falantes da comunidade linguística e o léxico de especialidade, pertencente às terminologias ou domínios de especialidade, das Ciências Sociais e Humanas, das Ciências e da Técnica.

Foi a partir do desenvolvimento da Linguística estrutural empreendida por Ferdinand de Saussure a partir de 1916 que se afirmou a Lexicologia; esta nova disciplina permitiu organizar o léxico de uma língua a partir de leis estruturais, constituindo-se um sistema de elementos de um domínio com várias teorias e metodologias.

Segundo VILELA (cf. 1994: 11), a Lexicologia tem como base de estudo a unidade lexical e não pode ser confundida com a Lexicografia (descrição do léxico por

meio dos dicionários). A Lexicologia tem como tarefa “apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico” (VILELA, 1994: 10).

Desta forma, a Lexicologia concentra os seus estudos “sobre as unidades lexicais da língua corrente e das línguas de especialidade” (CHICUNA, 2003: 57).

Nesta acepção, a língua corrente será compreendida como o conjunto de elementos linguísticos e culturais inerentes à transmissão de uma identidade cultural por um grupo social, enquanto uma língua de especialidade será o conjunto de termos técnicos usados por especialistas numa determinada área do conhecimento.

Definido como o estudo científico do léxico, GENOUVRIER e PEYTARD (1974: 351) distinguem a Lexicologia descritiva e a Lexicologia aplicada.

A Lexicologia descritiva refere-se aos instrumentos que permitem uma exploração exaustiva de vários campos lexicais, permitindo uma análise semântica e estrutural do léxico.

A Lexicologia aplicada considera o uso destas análises em prática, pela definição e classificação dos traços distintivos das palavras na elaboração de dicionários.

Na Lexicologia encontramos integrada a Onomástica, ciência que estuda os nomes próprios.

A Onomástica divide-se em duas grandes áreas:

- a) Antroponímia, estudo dos nomes de pessoas;
- b) Toponímia, estudo do nome de lugares.

1.2 Origens e história do léxico da Língua Portuguesa.

O Português falado actualmente na Europa e no resto do mundo é formado por estruturas fonéticas e morfológicas do latim vulgar e por muitos vocábulos provenientes de muitas línguas de diversos continentes, fruto dos contactos do latim vulgar com os dialectos dos povos da *Gallaecia* e *Lusitania* e do Português com outras línguas europeias, asiáticas e africanas.

A gramática do Português (2014) da Fundação Calouste Gulbenkian distingue a criação e evolução do léxico da Língua Portuguesa em quatro períodos, começando desde o século V da Era Cristã até aos nossos dias, englobando a fase das origens, do português antigo, do português médio e do português clássico.

O léxico da Língua Portuguesa é de origem latina, proveniente do contacto do latim vulgar do antigo Império Romano (séc. V e VI, após a perda do poder conquistador do império) com as línguas dos nativos do Noroeste da Península Ibérica (*Gallaecia* e *Lusitania*), de onde proveio o românico.

Nos primórdios do século XI, após o fim da ocupação árabe da Península Ibérica, a produção do português confinou-se ao *Portu Cale* (Porto) a Norte, tendo-se adoptado a leste o Catalão e o Castelhana, como línguas oficiais, dada a influência política que o reino exercia naquela zona.

Entre os Séculos XII e XIV viveu-se a era do português antigo, caracterizado pelo uso da escrita¹ (1170), pela predominância do romance galego-português e por grandes influências gráficas do castelhano.

A fase do português médio (séc. XV) foi marcada por mudanças significativas de ordem fonológica e morfológica na maioria do léxico da língua, importação de numerosas palavras da literatura latina e de outras línguas europeias.

Do século XVI ao século XVIII, por influência da literatura e dos gramáticos, com a preocupação de reformar as gramáticas das línguas, promoveram-se mudanças a nível da gramática, da grafia e fonologia que se foram aprimorando com os empréstimos da literatura e de outras línguas, levando ao desenvolvimento da língua portuguesa até à modernidade.

MUDIAMBO (2014: 92) reconhece no léxico Português a existência de diversas influências e empréstimos culturais ao longo de várias épocas da constituição da língua e, em especial, durante o Renascimento em que as obras do latim erudito contribuíram para desenvolver a língua.

VILELA (1994) distingue no léxico latino, o léxico herdado e o léxico tomado como empréstimo; o léxico herdado diz respeito, segundo o autor, às designações do corpo, de partes do corpo, de defeitos físicos, designações de animais domésticos e fenómenos naturais, verbos de percepção física e intelectual, adjectivos de cor, de grandeza, de dimensão, entre outros. O léxico tomado como empréstimo diz respeito a todas as outras palavras provenientes de outras línguas por processos de empréstimos.

O léxico do Português tem origens nas línguas europeias antigas e modernas, assim como em línguas não europeias que surgiram por meio de empréstimos culturais, ao longo dos séculos da sua formação e desenvolvimento, caracterizado pelo surgimento de novas unidades linguísticas (neologismos).

Portanto, “ a história do léxico reflecte de maneira expressiva, a história externa da língua, ou seja, a história dos contactos da população da língua portuguesa a partir do românico lusitano, com as mais variadas nações aloglotas” (MATTOSO CÂMARA, 1979: 189).

¹ Cf. Gramática do Português, pág. 10.

1.3 Processos de renovação do léxico.

De modo geral, o léxico corresponde ao conjunto de todas as palavras que se encontram ao alcance comunicativo do falante de qualquer língua.

GENOUVRIER e PEYTARD (1974:279) distinguem o léxico individual do léxico geral ou global da língua, o que VILELA (1994: 13) define respectivamente como vocabulário e léxico.

O léxico individual corresponde às palavras que o falante pode “empregar e compreender”, enquanto o léxico global corresponde ao conjunto de todas as palavras existentes no sistema linguístico.

O léxico do falante apesar de ser constituído por um número considerável de vocábulos não permanece estático, vai-se renovando e vai aumentando gradualmente com as mudanças que a língua do falante vai sofrendo ao longo do tempo.

Essas mudanças na língua vão-se verificando aos níveis, lexical, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, sendo que são mudanças difíceis de conter na actual aldeia global em que nos encontramos.

É com as mudanças lexicais que o falante tem a capacidade de representar os novos fenómenos, objectos, realidades, nomes de tudo quanto o rodeia. Tais mudanças dão continuidades à língua tornando-a viva e evolutiva em cada estado temporal que ela experimenta, acompanhando e adaptando-se às diferentes evoluções da sociedade e às transformações culturais.

Ferraz (2006: 219) aponta a existência de alguns factores sociais² que influenciam a renovação do léxico e fazem com que a língua se ajuste e produza “novas unidades lexicais”.

O mesmo autor realça que “a criação de palavras novas e a reutilização de palavras já existentes na língua a partir de novos significados constituem um processo geral de desenvolvimento do léxico” e evolução da língua (FERRAZ, 2006: 219).

O léxico da língua corrente é influenciado por um conjunto de factores sociais, em diferentes extractos sociais em que se usa a língua e que motivam a sua renovação.

O processo geral de renovação do léxico passa por várias “formações vernáculas e alogénicas” (FERRAZ, 2006: 225) que apresentam na língua novas palavras nos níveis em que se verificam essas formações.

As formações vernáculas têm a ver com processos de neologia morfolexical e semântica, neologia sintáctica, enquanto as formações alogénicas dão origem à neologia por empréstimos.

² A autora considera determinante as influências culturais da tradição, costume, moda e crença na renovação e produção de novas unidades lexicais.

1.3.1 Neologia e neologismos.

A neologia é um processo de formação e renovação do léxico da língua. É um ramo da Lexicologia que estuda a criação de neologismos, unidades lexicais novas criadas por meio de formações morfológicas, semânticas, sintáticas ou por empréstimos entre línguas.

Um neologismo é uma unidade lexical nova formada por meio dos processos de formação de palavras acima referidos ou uma unidade lexical já existente na língua que recebe um novo significado.

Para VELAME (citado por CAMEIA, 2013: 19) a origem de um neologismo pode ser resultado da espontaneidade comunicativa de um falante ao expressar o seu vocabulário para fins pejorativos ou como resultado de um acto meramente accidental.

1.3.2 Tipos de neologia.

Podemos distinguir a neologia de forma, a neologia de sentido e a neologia de empréstimo.

A neologia de forma consiste na criação de unidades lexicais novas na língua por meio de processos de formação de palavras como: a derivação, a composição, as abreviaturas, siglas e acrónimos.

A derivação é um dos processos de criação de novas palavras em Português, caracterizada pela existência de prefixos ou sufixos associados a uma base.

No entanto, a formação mais frequente dos topónimos do município de Saurimo é feita, por derivação prefixal, pela colocação de um prefixo (*sa, mwa, ca* ou *ka, entre outros*) a um nome próprio, como veremos mais adiante ao descrevermos a formação dos topónimos.

No processo de formação de palavras por derivação distingue-se a derivação regressiva, a derivação parassintética e a derivação imprópria ou conversão.

A composição é outro processo de formação de unidades lexicais pela junção de bases, por meio de estruturas fonológicas (justaposição e aglutinação) ou por meio de estruturas morfológicas (composição morfológica ou por lexicalização de sintagmas) como sublinham CORREIA e LEMOS (2005: 37):

“Um composto é justaposto se cada um dos elementos que o constituem mantiver a sua integridade fonológica (numero de sílabas e acento próprio), ao passo que é aglutinado se os intervenientes na composição se subordinarem ao acento de um dos constituintes, que em português é normalmente o elemento da direita, dadas as características acentuais da nossa língua”.

A composição morfológica ocorre quando se constroem unidades lexicais a partir de raízes já existentes na língua, mas com a presença de uma vogal de ligação (-o ou -i).

Exemplos: bibli+o+teca= biblioteca;

Bi+o+logo = biólogo / Log+o+tipo = logotipo.

A lexicalização de sintagmas ocorre quando determinados sintagmas passam a denominar uma única realidade.

Exemplo: pena capital, computador de bordo, painel solar.

Esse processo de composição é mais frequente nas terminologias científicas e técnicas e a ordem dos elementos que o constituem é normalmente composta por um termo determinado seguido de um determinante (FERRAZ, 2006: 229).

As abreviaturas ou trunicações constituem um processo de formações lexicais em que se faz a redução de uma unidade de forma a torná-la simples para a pronúncia. É um processo muito recorrente e de fácil uso nas línguas.

Exemplos: sing. – Singular; masc. – Masculino.

As siglas são unidades criadas a partir da junção das iniciais de um sintagma. Constitui um processo muito frequente nas terminologias técnicas e científicas que leva muitas vezes os usuários a se esquecerem dos nomes dos constituintes da própria sigla.

Exemplos: PLD – Partido Liberal Democrático.

O acrónimo é formado por grupos de letras pronunciadas como uma palavra e formadas com base na estrutura silábica de formação do Português.

Exemplos: MAT – Ministério da Administração do Território.

A neologia de sentido consiste na mudança de um significante existente na língua para designar uma realidade nova ou uma outra já existente na língua. Segundo CORREIA e LEMOS (2005: 13) a neologia também engloba a observação, registo, datação, descrição e análise dos neologismos que vão surgindo na língua.

Nos neologismos provenientes desse tipo de formação podemos verificar a existência de variadas polissemias, homonímias, a existência de metáforas e metonímias

ou mesmo o empréstimo de unidades lexicais entre áreas de especialidade ou entre os domínios da língua para áreas de especialidade e vice-versa.

Uma dada unidade lexical é vista como neologismo quando não está grafada no corpus de exclusão pertencente a língua de análise. O dicionário ou dicionários de língua corrente são um critério para determinar se uma dada palavra é ou não um neologismo.

Os neologismos têm a possibilidade de enriquecer a língua, ao serem dicionarizados e ao integrarem o sistema de língua corrente. Porém, nem todas as variações são recolhidas pelos dicionários, algumas dependem e existem simplesmente no contexto da sua criação.

Os estrangeirismos são criados como resultado da atribuição de novo significado a um objecto ou uma realidade não existente na língua corrente, mas que existe na língua estrangeira; como tal, o significante é usado na língua corrente para designar o mesmo objecto existente na língua estrangeira. Os hibridismos constituem também uma forma de criação lexical pelo cruzamento de palavras de línguas diferentes.

1.4 Contacto entre as línguas.

Há contacto de línguas quando duas línguas ou mais interagem, transferindo e transmitindo influências linguísticas e culturais que podem ser de ambos os lados ou unilaterais.

Neste processo, as línguas e culturas em causa apresentam características próprias que têm tendências a sobrepor-se à cultura e à língua encontrada, criando interferências.

As interferências podem “manifestar-se em todos os planos das línguas em contacto e em todos os graus” (MARTINET, 1973:172).

As interferências (principalmente as fonológicas) podem ser criadas pela forma como o receptor reproduz os sons ouvidos de uma segunda língua, deturpando muitas vezes o sentido real (SANTOS, 1994: 21).

No processo de contacto entre as línguas, as interferências verificadas a nível morfosintático e semântico-fonológico podem ser notórias se as línguas forem de grupos linguísticos diferentes, pois poucos são os falantes capazes de manter as estruturas de duas ou mais línguas intactas, sem que haja uma que se sobreponha à outra.

São variados os processos no momento de assimilação de novos termos (estrangeirismos) no contacto entre línguas que pressupõem a avaliação de um conjunto de características internas e externas ligadas à língua conhecida e à língua não

conhecida que implicam, segundo VILELA (1979: 235), características linguísticas estruturais e características sociolinguísticas.

As características linguísticas estruturais estão ligadas directamente às formas morfossintáticas e fonológicas de assimilação da língua, demonstrando motivação, produtividade e capacidade de aperfeiçoamento e desenvolvimento na aquisição e aperfeiçoamento da língua.

As características sociolinguísticas têm a ver com a difusão social da língua, isto é, a forma como a língua se manifesta na prática, por meio da fala e da escrita, dos usos de determinados termos de domínio próprio de especialidade por parte do falante.

Na interacção entre o Português e as Línguas de Angola, especialmente com a Língua Cokwe, identificamos algumas diferenças de carácter fonomorfológico que poderiam constituir bases de interferências:

➤ Em Português:

- Existência de vogais nasais;
- Existência de artigos;
- Existência de ditongos o que marca uma grande diferença com o Cokwe.
- A forma como se realiza a divisão das sílabas;
- Infinitivo verbal apresentado pelas desinências <ar>, <er> e <ir>.
- Existência e realização das consoantes , <d>, <g>, <r>.

➤ Por sua vez, em Cokwe:

- Não existem ditongos.
- Não existem vogais nasais, sendo que a nasalidade é obtida pelas combinações das consoantes <m> e <n> com outras consoantes.
- Inexistência das consoantes , <d>, <g>, <r>, sendo substituídas por combinações de <mb>, <nd>, <ng>, <ndv>, <ndj>, <kh>, <ph>, <th> e .
- O fonema [r] é inexistente (na maioria das Línguas Bantu).
- A distinção entre as classes das palavras é feita por meio de prefixos próprios.
- Infinitivo dos verbos apresentado pelo prefixo *ku* e a desinência final *a* para todos os verbos.
- Presença de sons aspirados na maioria das palavras.

Essas diferenças levaram a “pequenas confrontações” de natureza fonomorfológica ou mesmo sintáctica, levando algumas vezes a haver na comunicação empréstimos ou substituições de algumas palavras, dando lugar a dois fenómenos que são chamados (por nós) por *portuguesismo* e *cokwismo*.

Chamamos *cokwismos* aos empréstimos provenientes da Língua Cokwe que entram no Português, muitas vezes, com transformações no seu sentido original ou na

sua grafia³. A *cokwização* pressupõe a integração de unidades lexicais de outras línguas na Língua Cokwe, a nível de verbos, substantivos, adjectivos, numerais, preposições.

Definimos como *portuguesismos* os empréstimos de palavras portuguesas presentes em outras línguas, sendo neste caso as palavras emprestadas para a Língua Cokwe exemplos a considerar.

Tabela 1 – portuguesesismos e cokwismos.

Portuguesismos		
Português	Cokwe	Exemplos
Carro	kalu	Nyina mu carro.
Óculos	okulu	Sako óculo ku meso ximbu kanda utanga.
Vidro	vindulu	Kanda uxihha vidro.
Cokwismos		
Cokwe	Português	Exemplos
Fungo	Fruto (ameixa preta)	Quanto custam estes fungos?
Thukeya	Peixe	Gosto de thukeya frita.
Khongolo	Arco-íris	Olhem aí o khongolo.

Alguns portuguesesismos e cokwismos são verificados a nível de metáforas, estruturas linguísticas “necessárias à comunicação entre línguas e culturas, participando na preservação da diversidade das línguas e das culturas veiculadas pelas diferentes línguas” (LINO, 2010:189).

As interferências resultantes no contacto entre o Cokwe e Português são mais visíveis (para além do léxico geral e do vocabulário) na antroponímia e na toponímia.

Quando se trata de analisar algumas línguas modernas, vê-se que os fenómenos de interferências linguísticas contribuíram para a mudança da estrutura dessas línguas, do ponto de vista morfológico e fonológico.

O processo de contacto que existiu entre o Português e as Línguas Bantu de Angola contribuiu de certa forma para evolução dessas línguas; tal evolução verificou-se com os estudos que permitiram duplicar e elevar o carácter da língua, como expressão da cultura e identidade nacional e como objecto de estudos e investigações profundas sobre a sua fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e outras áreas.

³ O fenómeno dos empréstimos do Português para as línguas Bantu de Angola e das línguas Bantu de para o Português é vivo e recorrente; sobre ele debruçam-se vários autores; Cf. QUIBONGUE (2014), MUDIAMBO (2014), FERNANDES e NTONDO (2001), MINGAS (2000).

1.5 Importância da Lexicologia para a Toponímia.

A toponímia estuda o nome de um lugar, aliado a características identitárias do topónimo.

O léxico corresponde ao conjunto de palavras usadas para interacção, ordenação e organização do meio que rodeia o denominador.

A ordenação é feita por meio da categorização, ou seja, do agrupamento das entidades que rodeiam o meio físico do homem por meio da língua.

Toda a comunidade ou grupo social reconhece no léxico da sua língua a existência um património cultural para usar de forma individual (vocabulário) ou colectiva a fim de nomear, agrupar, seleccionar ou categorizar os nomes das pessoas, dos lugares, dos rios, dos animais, os acontecimentos históricos e mitológicos, os ritos, as manifestações culturais, vividas na comunidade capazes de se constituírem e se transmitirem de geração a geração, ao longo dos séculos.

O estudo da Toponímia permite analisar e representar a marca ou visão ideológica e motivações na representação da cultura histórica, antropológica ou geográfica do denominador, do povo a “quem pertence o topónimo” ou do lugar denominado por meio do léxico da língua.

Para ISQUERDO (2009:43) “o léxico é o nível da língua que melhor evidencia as pegadas do homem na sua trajectória histórica”, o que motiva o homem a nomear “o espaço que o circula e consubstancia a sua visão do mundo acerca da sociedade”.

Há muito tempo que já se faziam trabalhos sistemáticos para organizar o léxico da língua ou para descrever a cultura oral das civilizações.

A fim de se preservar o conhecimento, as teorias e os vocabulários mais importantes da época, as grandes civilizações antigas (Índia, China, Fenícios, Europeias) propuseram-se elaborar glossários com o objectivo de “*keeping alive ancient texts whose meanings were beginning to be lost as language continued to change*” (HALLIDAY, et ali, 2004:11).

Ao concretizar o processo de armazenamento do léxico para as gerações futuras nessas civilizações era necessário fazer-se um estudo profundo da estrutura das palavras necessário para a sua classificação.

Para agrupar os nomes de pessoas, animais, plantas, acidentes geográficos, entre outras categorias, era necessário fazerem-se estudos sobre o vocabulário da época (campo da Lexicologia) e ver em que classe pertenceria a palavra para que o lexicógrafo pudesse determinar a sua classificação no glossário.

Analisando o modelo de classificação da civilização chinesa do século III (Era Cristã), HALLIDAY (2004:12) considera a existência de três métodos (não muito

diferentes dos actuais) que consistiam na recolha das palavras verificadas nas línguas, descrição da origem e significado dessas palavras e sua classificação de acordo com a fonologia.

O sucesso desses métodos verificou-se na classificação e descrição das palavras de acordo com as características fonológicas e as áreas de produção.

Este processo de nomeação contribuía para enriquecer o léxico da língua ao organizar, classificar e introduzir novas palavras na língua, por processos de neologização.

O conhecimento da estrutura dos nomes permitiu fazer uma melhor categorização desses nomes nas suas diferentes classes.

Todo o topónimo é registado com base numa categoria física ou cultural de uma área, de um povo, num código aberto com características distintivas e definitórias que façam daquele nome uma realidade única e indissociável da cultura a que pertence, da língua em que é denominado e do elemento que o denomina.

A análise estrutural dos topónimos permite estabelecer uma relação de complementaridade entre a Lexicologia e a Toponímia necessária para os estudos onomásticos, visto que um topónimo não pode ser estudado de forma isolada, sendo considerada, no estudo da Toponímia, a influência de outras ciências, das quais, a Lexicologia, como ciência que estuda a própria palavra, não deixaria de ter maior realce.

A Toponímia versa sobre os aspectos linguísticos e históricos dos nomes de lugares e estes podem ser considerados “unidades lexicais” (SOUZA, 2007c).

Para TAVARES E ISQUERDO (2006: 274), a análise de uma cultura passa primeiro pela língua (léxico, Lexicologia), pois ela revela-se como um instrumento importante na transmissão dos pensamentos e costumes dos usuários já que o acto de nomear reflecte a cultura e a visão do denominador sobre a realidade que o rodeia, mediante o uso da língua.

A Lexicologia desempenha um papel de realce para a Toponímia nas áreas que versam sobre o estudo da estrutura das palavras nomeadamente a formação dos nomes e suas variedades geográficas, características fonéticas e morfológicas pertinentes no seu enunciado e as demais relações sintácticas, fonéticas e fonológicas pertinentes para a investigar e compreender a origem e as motivações dos topónimos, pois, estes devem “começar e terminar na língua” (SEEMAN, 2005:209).

Assim, “o sistema Onomástico comporta as realizações virtuais do sistema lexical, compatíveis ao desempenho denominativo do enunciador e enunciatário” (DICK, 2001:79).

Capítulo 2

CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA PROVÍNCIA
DA LUNDA SUL.

2.1 Línguas Bantu de Angola. Classificação.

O termo Línguas Bantu foi estabelecido pela primeira vez pelo investigador BLEEK em 1851 ao estudar as línguas africanas que possuíam uma característica comum ao nomear as pessoas, pelo uso de desinências idênticas para o singular e o plural dos nomes em quase todas as línguas observadas.

Línguas Bantu designam o conjunto da maioria das línguas africanas que usam prefixos nominais (os prefixos *ma* e *ba* ou *mu* e *a* para outros casos) para se referir a pessoa e a pessoas.

Exemplo: *mutu* – pessoa;

Atu – pessoas.

As Línguas Bantu foram assim conhecidas por possuírem vocábulos caracterizados pela existência de morfemas idênticos a outras línguas, pela existência de um sistema de géneros gramaticais nos quais os nomes pertencem a diferentes classes introduzidas por um prefixo.

Apesar dessas semelhanças estruturais, deve-se reconhecer a existência de variações fonológicas e morfológicas diferentes nos prefixos de cada língua.

As Línguas Bantu podem ser classificadas segundo critérios históricos que têm a ver com a história do aparecimento e evolução das línguas ou segundo critérios genéricos, ligados a características das estruturas internas das palavras dessas línguas africanas. A classificação geográfica ocorre quando as línguas são agrupadas nas regiões em que estas se falam sem se fazer uma análise exaustiva à sua estrutura morfofonológica. A classificação genérica das línguas pressupõe o agrupamento dessas línguas por famílias, com a mesma origem, podendo estas dividir-se em outros grupos ou ramos.

De acordo com ANDRADE (2007), a classificação genérica das Línguas Bantu engloba 4 grandes famílias principais:

- 1- A família Afro-Asiática;
- 2- A família Níger Cordo-Fania;
- 3- A família Nilo Sahariana;
- 4- A família Khoisan.

Para o autor, é na grande família das línguas Cordo-Fanianas que encontramos as ramificações necessárias para chegar no grupo Bantu; esta família tem dois grandes ramos: o Níger Congo e o Cordo-Faniano, sendo que as línguas do Níger – Congo são faladas numa grande parte do continente africano (no sul do continente, no centro e na África ocidental) enquanto as do ramo Cordo-Faniano falam-se numa grande parte do Sudão.

O grande grupo linguístico Cordo-Faniano divide-se em seis pequenos grupos (como se vê na tabela abaixo):

Tabela 2 – grande Grupo linguístico Cordo-Faniano.

Grupo Linguístico	Famílias linguísticas	Países
Grupo Oeste Atlântico.	Jalofo, Temne, Fulani	Senegal, Serra Leoa, Chade.
Grupo Mande.	Mende, Mandinga e Malinke.	Libéria, Guiné-Bissau, Mali.
Grupo Gur.	Mossi, Dangomba e Masrupi.	Burkina Faso e Gana.
Grupo Kwa.	Ewe, Ioruba, Igbo, Nupe, Bini e Achanti.	Benim, Gana, Cote D'ivoire, Libéria, Nigéria.
Grupo Benwe – Congo.	Bantu e não - Bantu.	África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Comores.
Grupo Adamawa Oriental.	Banda, Zande, e Sango.	Nigéria, Camarões, Sudão.

A língua é o um dos factores preponderantes para o estabelecimento e reconhecimento do património cultural de um povo ou de uma região, pois por si já constitui um factor de transmissão da cultura, da história, das experiências de vida de um povo, de geração em geração, principalmente em línguas pouco desenvolvidas a nível da escrita.

A realidade sociolinguística de uma região é determinada pela capacidade de difusão cultural que possui a língua naquela região pois ela pode permitir melhor transferência de experiências intelectuais e culturais entre pessoas ou grupo de pessoas naquele meio social e físico, carregando consigo as identidades culturais e os valores primários daquele povo.

Angola, do ponto de vista sociolinguístico, possui diferentes povos com diferentes culturas e várias línguas do grupo Bantu e não Bantu repartidas em diferentes regiões que constituem, as províncias de Angola.

Alguns autores⁴ calculam os povos Bantu que povoam o território angolano entre 90 a 100 mil grupos e estão agrupados em nove (09) grandes grupos etnolinguísticos distribuídos em todo o território angolano, com fronteiras limitadas pelo Mapa etnolinguístico angolano (fig. 4):

- 1- O Grupo Etnolinguístico Ambundo (língua Kimbundo);
- 2- O Grupo Etnolinguístico Bakongo (língua Kikongo);
- 3- O Grupo Etnolinguístico Tucokwe ou Lunda – Cokwe (línguas Cokwe e Lunda);
- 4- O Grupo Etnolinguístico Ovahelero (língua Oshihelelo);

⁴ Cf. FERNANDES e NTONDO (2002), MARTINS (1990, 1993, 2001), KUKANDA (1986), CAMEIA (2013), REDINHA (1958).

- 5- O Grupo Etnolinguístico Ovambo (língua Oshikwanyama);
- 6- O Grupo Etnolinguístico Ovandonga (língua Oshindonga);
- 7- O Grupo Etnolinguístico Ovimbundo (língua Umbundu);
- 8- O Grupo Etnolinguístico Vangangela (língua Ngangela);
- 9- O Grupo Etnolinguístico Vanyaneka-Nkhumbi (língua Olunyaneka-Nkhumbi).

Para além destes grupos Bantu que povoam “as terras angolanas” podem-se encontrar também grupos não Bantu:

- 1- Os Khoisan;
- 2- Os Vátwa.

2.2 Caracterização sociolinguística da província da Lunda – Sul e do município de Saurimo.

A Lunda – Sul é uma das 18 províncias de Angola, situada a Nordeste, antiga circunscrição do antigo Distrito da Lunda no tempo das colónias portuguesas do ultramar, antes de ser dividido o Distrito e transformado em 2 províncias, em 1978.

A Província da Lunda – Sul tem uma área de 77. 637 Km ², é composta por 4 municípios (ver fig. 2). É limitada a norte pela província da Lunda – Norte, a Leste pela República Democrática do Congo, a Sul pela província do Moxico e a Oeste pelas províncias de Malanje e do Bié.



Fig. 1- Mapa de Angola que localiza a Província da Lunda Sul.

A província da Lunda – Sul engloba um conjunto de línguas Bantu, característica de variados tipos de povos e etnias que se encontram no seu território em números maiores ou em pequenos grupos de falantes. De entre as mais influentes, para além do português, podem-se encontrar: *o Cokwe, o Lunda, o Lwena, o Lucazi, o Mbunda, o Umbundu e o Kimbundu.*



Fig. 2 – Mapa da província da Lunda – Sul.

Nos resultados preliminares do censo de 2014, a província apresentou uma população estimada em 516 077 habitantes, sendo 253 678 do sexo masculino e 262 309 do sexo feminino. A sua população é maioritariamente agrícola, encontrando-se uma minoria de caçadores e artesãos.

O município de Saurimo é um dos 4 municípios, a capital da província da Lunda – Sul. Tem uma área de 23 327 km ², com um número aproximado de 423 548 habitantes em 2014 (de acordo com os resultados preliminares do censo).

É limitado a Norte por Lucapa, município da província da Lunda – Norte, a Sul pelo município do Dala, a Oeste pelo município de Cacolo e a Leste pelo Município do Muçondia.

Fundado por Henrique Augusto Dias de Carvalho como vila citadina em 1917, Saurimo (que também passou a chamar-se Vila Henriques de Carvalho de 1920 a 1956) foi durante alguns anos a sede do Distrito da Lunda⁵, terra de Diamantes, de um enorme e difundido património cultural com esculturas muito conhecidas no mundo todo das

⁵ Encontrado por vários exploradores europeus do séc. XIX, ocupado e fundado por Henrique de Carvalho por decreto de 12 de Julho de 1895.

quais se destaca a escultura *samanhonga* e as variadas máscaras que caracterizam as diversas manifestações culturais do povo *Cokwe*⁶.

No município de Saurimo predomina a etnia *Cokwe* e a maioria da população tem a Língua *Cokwe* como língua materna e o português como língua segunda.

A tradição escrita da Língua *Cokwe* é muito fraca e reduzida, quase inexistente; a pouca literatura escrita tem influência inglesa (por meio de missionários ingleses que traduziram a Bíblia e produziram alguns manuais de ensino da língua, transportando alguns sons característicos para o *ucokwe*) e influência portuguesa que se verifica na escrita de muitos topónimos e antropónimos, em dicionários, gramáticas da língua, escritas e adaptadas em português tendo como base estudos fonológicos da produção linguística dos nativos.

É no município de Saurimo e na realidade cultural da Língua *Cokwe* em contacto com o Português e outras Línguas Bantu que se centra a abordagem toponímica do nosso trabalho.

O povo *Cokwe* (*Tucokwe*) possui uma rica tradição histórica e cultural, manifestada por meio de tradições e crenças, por meio da medicina tradicional, por meio dos ritos, canções folclóricas e danças tradicionais, das quais citamos a título de exemplos, *makopo*, *cianda*, *cisela*, *ciliapanga*, *mitango*.

O grupo Lunda – *Cokwe* localiza geograficamente os povos do Leste de Angola constituído, para além da etnia *Cokwe*, também por outras etnias como os *Lunda*, os *Minungos*, *Mbangala*, os *Luvale*, os *Songo*, os *Xinje*, os *Mbaringa*, entre outras.

2.3. Grupo etnolinguístico *Tucokwe* ou Lunda – *Cokwe*.

A língua é um factor preponderante para a afirmação e transmissão da identidade e cultura de um povo, de uma nação.

Angola é um País rico em culturas pois possui vários grupos etnolinguístico com varias línguas do grupo Bantu, em todo o território.

As Línguas de Angola usam-se actualmente em situações comunicativas diárias, a par do português, sendo que esta última apresenta uma “posição exclusiva de língua de poder” (NETO, 2012: 30) por ser usada no território como língua oficial e como língua de comunicação e ensino.

Apesar dessa complementaridade, maior parte da identidade e cultura dos povos que falam as Línguas de Angola é preferencialmente representada na respectiva língua de origem.

⁶ Cf. Anexos.

A resolução do Conselho de Ministros de Angola, nº 3/87 de 23 de Maio, reconhece e considera serem “as Línguas Nacionais, suporte e os veículos das heranças culturais... pois constituem um dos fundamentos importantes da identidade Cultural do Povo Angolano”.

O termo Lunda pode designar o território do antigo Império da Lunda que tinha como sede a Mussumba (ou *Musumba*), as Províncias do antigo Distrito da Lunda, a etnia Lunda ou os habitantes que vivem nas Lundas, os quais também são denominados “os Lundas”.

Por sua vez, o termo *Cokwe* pode nomear a etnia *Cokwe*, a língua dessa etnia e o grupo de habitantes dessa etnia, podendo ser chamados “os Cokwe” (em português) ou *Tucokwe* (pelos nativos) com o uso do prefixo *tu* que indica o plural. Desta forma e segundo MARTINS (1990: 10), ao acrescentar a esse termo os prefixos *ka* (singular, diminutivo), *tu* (plural), e *u* (neutro) podem-se formar palavras diferentes: *kacokwe*, *tucokwe* e *ucokwe* que designam um elemento do grupo, vários elementos do grupo⁷ e a língua da etnia, respectivamente.

Assim, reconhece-se a existência de três denominações⁸ ligadas a esse grupo:

- O nome comum *kacokwe* que identifica um único membro da etnia mediante o uso do prefixo *ka* e o radical *Cokwe* que introduz um género uniforme nesta língua.
- O nome comum *tucokwe* que apresenta uma variação em número para a forma anterior, mediante o uso do prefixo e desinência nominal *tu*, apresentando vários membros pertencentes à etnia.
- O nome uniforme *ucokwe*⁹ que identifica a língua deste povo.

É costume usar-se o termo “os Cokwe” (em português) para identificar os povos que pertencem à etnia. Os nativos usam a expressão na própria língua (*kacokwe* ou *tucokwe*) quando se dirigem a alguém que pertence à etnia ou quando identificam a etnia a que pertencem.

Os *Tucokwe* também são conhecidos por vários nomes por causa das suas digressões e do seu “espírito guerreiro” que apresentaram quando invadiram as outras etnias ao longo dos séculos da sua expansão. Rocha, (citando MAQUET, 1968:419),

⁷ Cf. REDINHA. Distribuição Étnica da Província de Angola; MANASSA. Lunda. História e Sociedade.

⁸ A grafia usada firma-se no alfabeto da língua Cokwe proposto pelo Instituto de Línguas Nacionais de Angola em 1987, por meio da resolução 3/87 de 23 de Maio.

⁹ Apesar do que acontece com outras Línguas de Angola (Umbundo, Oshindonga, Oshihelelo, Oshikwanyama, etc) no grupo Tucokwe não é comum usar-se entre os investigadores o termo *Ucokwe* para designar a língua. Em vez disso, usa-se *Cokwe* como identificativo da língua.

denota a existência de 47 formas pelo que é conhecido este povo¹⁰. Eis alguns nomes¹¹: *Kioko, Bachoko, Bajok, A'hioko, Chiboque, Tutshiokwe, Utchokwe, Atshokwe, Basok, Bena-Tuchoko, Quibôco, Aqua-Mecundo, Camecundos, Bachipangani, Tundaca, Makosa, Aku'a Ngagela e Va-Chioko*.

Face a dúvida e debates existentes sobre a escrita correcta desta etnia, optamos por usar a grafia estabelecida por MAQUET (*Cokwe*) por causa de vários factores: por se achar essa “a mais correcta¹²” em *ucokwe*, por corresponder à grafia correcta em *ucokwe*, por ser usada por diferentes especialistas e por ser usada em vários Documentos Oficiais da República de Angola, quando fazem referência aos povos do Leste, Nordeste de Angola e Sudeste de Angola.

2.4 Migrações dos *Tucokwe*.

A maioria das Línguas Bantu tem a característica de as etnias que constituem os grupos apresentarem a mesma base para designar a língua e os seus falantes, com uma ou outra diferenciação, verificada no uso do prefixo que diferencia a língua do seu falante.

Na classificação de GUTHRIE (cf. KUKANDA, 1986: 20) o grupo Lunda e o Cokwe são geneticamente separados, encontrando-se respectivamente nos grupos L50 e K10, correspondendo a uma vasta área que parte desde o antigo Zaire (actual República Democrática do Congo), passando por Angola até a Zâmbia (figura 3).

A separação que atrás se fala começa com discórdias que se verificaram no antigo Império da Lunda, fruto do desentendimento entre a Raíña *Lweji* e os seus irmãos *Cinguli* e *Cinyama* com outros descendentes do reino: *Cinyama, Andumba*, e outros soberanos (cf. REDINHA, 1958: 15; TEIXEIRA, 1948: 75, 76) que levou o primeiro a emigrar da sede do Império da Lunda (em *Musumba de Kalanyi*) para o Oeste e Sudoeste dando origem aos povos *Mbangala, Cokwe, Minungo* e *Songo* que povoam as zonas linguísticas acima citadas, sendo em Angola correspondente com as províncias da Lunda – Norte, Lunda – Sul, Malanje, Moxico, Bié, e Cuando Cubango (MANASSA, 2013: 28; KUKANDA, 1986: 20, 21).

Existem várias outras teorias, de vários investigadores, que se debruçam sobre a origem da etnia e do nome *Cokwe*, partindo das informações de fontes orais e escritas que reconhecem ter existido um rio chamado *Cokwe* onde se fixaram os exilados da *Musumba* e adoptaram para si o nome o nome do rio ou partindo da expressão que terá

¹⁰ Cf. ROCHA, M.C. Arte da representação: as estátuas de Tshibinda Ilunga. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 411-431, 2005-2006.

¹¹ Cf. REDINHA. Subsídios para a história, arqueologia e etnografia dos povos da lunda. Campanha etnográfica ao Tchiboco (Alto-chicapa).

¹² Cf. ROCHA, 2005: 421.

sendo dita pela rainha Lweji a esses insurgentes do reino, mandando-os ir ter com *Cinguli* (*Akioko a ku Kinguri*); cf. Redinha (1958) e BASTIN (2010).



Fig. 3 – Zonas das famílias das línguas Bantu.

(Retirado de Jouni Maho).

Todas essas teorias reconhecem ter havido um movimento populacional que deu origem à ruptura entre os povos da *Musumba* e os actuais *Cokwe*, reforçada pela posição

das fontes orais (padre César Bumba, entrevistado em Saurimo em 30/08/2014 e padre Abel Kawoyongo em Saurimo, 23/08/2014).

Para nós, a etnia *Cokwe* é fruto da emigração dos soberanos da *Musumba* de *Kalanyi*, *Cinyama*, *Ndumba wa Tembo*, *Kamexi*¹³ e seus grupos, sob várias circunstâncias, do Reino da Lunda para o Sudoeste de Angola a partir do rio *Luau*, afluente sul de *Kassai* e “estabeleceram a capital na zona das grandes nascentes” (cf. REDINHA, 1958: 17).

Em meados do século VIII, princípios do Séculos IX¹⁴, por disputa do reino entre a princesa *Lweji* e os príncipes *Cinguli* e *Cinyama*, filhos do soberano Rei do Reino da Lunda, *Cinguli* e alguns chefes da família real do Reino entenderam abandonar o reino e emigrar para o Oeste a fim de encontrarem terras propícias para fixarem reinos, reunir exércitos para posteriormente reclamarem o reino.

O grupo de *Cinguli* preferiu atravessar o rio *Kassai* e instalar-se na margem oeste, onde poderiam “preparar-se para lutar contra a rainha *Lweji* e receber o reinado, pois “de acordo com a tradição desse povo, o direito de sucessão era patrilinear...” (MANASSA, 2013: 23). Séculos mais tarde, o mesmo grupo entendeu descer o rio *kassai* até ao Kwanza onde se situava o reino do *Ndongo* a fim de estabelecer relações com os portugueses e lutar como mercenários em guerras contra outros reinos a troco de protecção e um espaço para formar um reinado.

Os grupos de *Cinyama* e de *Ndumba wa Tembo*¹⁵ caminharam em direcção ao Sudeste do reino, tendo penetrado no território de Angola pela parte mais a leste, formando as Etnias *Luenas*, no Nordeste de Angola, precisamente na Província do Moxico, como ressalta REDINHA (1958: 16-17): “*Cinyama* e o seu povo decidiram-se pela planície do *Lubalo* até ao *Zambeze*, assentando nas proximidades deste curso a capital dos *Luenas*. *Ndvumba* e “os seus quicocos” escolheram o Sudoeste da Lunda, estabelecendo a capital na zona das grandes nascentes”.

¹³ Antes da ocupação portuguesa, maior parte desses soberanos *Cokwe*, temidos guerreiros, tomaram outros nomes, ficando conhecidos como: Kaungula, Kazembe, Kassongo, etc.

¹⁴ Concordamos com as datações propostas por MARTINS (2001: 46, 47) sobre a fundação e as migrações dos *Tucokwe* baseadas nas investigações feita por Mesquitela Lima e outros historiadores, por meio de datações por rádio carbono 14 e pela contagem dos imperadores que reinaram desde essa separação até a visita de Henriques de Carvalho à *Musumba*, em 1887; Segundo o que foi contado pelos nossos principais informantes, no princípio o povo era o mesmo; as separações começaram com as discórdias vividas no reino que levaram alguns soberanos a se sentirem injustiçados e decidirem abandonar o império. De acordo com a descrição da sucessão dos soberanos *Mwaciyanyas* (30 soberanos que terão sucedido o reinado após a morte da rainha) feita por Henriques de Carvalho () e de acordo ao cálculo do tempo de vida e tempo de reinado de cada um, contabilizados por Martins (2001: 47), de acordo ainda com os relatos do aparecimento de um grupo vindo de *yagas* mercenários que lutou a favor dos portugueses e fixou reinado na região de *Kassanje*, pode-se presumir que os acontecimentos que levaram à migração e expansão do reinado dos *tucokwe*, não terá ocorrido simplesmente em tão pouco tempo (século XVI), podendo prevalecer a ideia de ter sido há muitos séculos atrás.

¹⁵ “*Ndumba wa Tembo*” era um soberano *Cokwe* que pertencia à família real, um dos irmãos do “*Mwatha Kondi Mateta*” pai dos príncipes e antigo soberano do reino da Lunda.

Entenda-se que a saída dos grupos (o grupo de *Cinguli* e os grupos de outros soberanos) não se deu em simultâneo. Houve um período de separação entre os exílios (talvez de alguns anos ou mesmo séculos, pois, a história oral esquece-se de contar alguns factos), onde os primeiros grupos (dos quais o grupo de *Cinguli* e outros soberanos) exilaram-se logo após a coroação da Rainha e o seu casamento com *Cimbinda Ilunga*. Os outros grupos exilaram-se durante as guerras travadas entre a *Musumba* e os guerreiros *tucokwe* na sua tentativa de dominação da *Musumba*.

Durante essas migrações, os *tucokwe*, povo caçador e guerreiro foi lutando contra os reinos que encontrava apropriando-se das terras e incorporando-os como escravos e pessoas livres ou exilando para outras terras os seus habitantes originários. São exemplos desses povos os *Ginga (Kassanje)*, os *Songo*, os *Nganguela*, os *Mucuancala* e *Ambuela*, os *Tuyeke*, os *Phende*, entre outros, alguns deles já extintos.

Os *tucokwe* são uma etnia vasta, ocupando territórios nas Repúblicas do Congo e da Zâmbia e metade do território de Angola. São povos com características evolutivas e expansionistas que partem nas nascentes do rio *Kuango* e *Kassai*, estendem-se em direcção ao Norte, Sul e Leste e entram no território de outras etnias.

Os *tucokwe* são uma das etnias “inteligente, enérgicos, laborais, etnocêntricos e aventureiros”¹⁶ culturalmente diversificados, graças ao contacto com outras etnias que eles foram incorporando à sua, ao longo dos séculos, algumas vezes por passividades, muitas vezes com recurso a guerras sangrentas para ocupação.

As actividades principais para a sua subsistência são variadas: são caçadores por natureza e até aos dias actuais têm a carne de caça como um dos meios para a sua sobrevivência; dedicam-se a horticulturas para o sustento das suas famílias, preferindo a plantação da mandioca e algumas hortaliças; a pesca não fica a parte; para aquelas comunidades que vivem em áreas próximas de rios, a pesca é uma actividade essencial para a sobrevivência das famílias; são conhecidos como comerciantes de mel; vêm no aproveitamento do mel a oportunidade para manter as famílias saudáveis, pois, segundo eles, o mel é um remédio capaz de curar muitas doenças.

Apesar de exercerem muitas actividades, os *Cokwe* são mais conhecidos desde os tempos idos pelas esculturas e pela capacidade comercial “intercidades”. As suas esculturas mais exímias podem ser encontradas em várias exposições¹⁷ museus internacionais e em vários estudos científicos da arte *Cokwe*¹⁸.

Na sua organização social e espiritual, este povo reconhece a existência de um Ser Supremo que emana todas as forças benéficas (*Nzambi* = Deus) e a existência de espíritos (*mahamba*, *akixi*) e forças maléficas (*wanga* = feitiços) representadas e manifestadas por uma classe de pessoas temidas na organização social dos *tucokwe*, os

¹⁶ REDINHA. Subsídios para a História, Arqueologia e Etnografia dos povos da Lunda, pág. 6.

¹⁷ Destas esculturas destaca-se o *Samanhonga* ou pensador, a mais famosa na cultura Cokwe.

¹⁸ A obra Arte decorativa Cokwe da Antropóloga Marie-Louise Bastin é inteiramente dedicada ao estudo da arte Cokwe. Ela apresenta fotografias de várias esculturas, peças e objectos do dia-a-dia dessa cultura, os seus significados e usos.

feiticeiros (*nganga*) mas que devem respeito aos *myatha* (chefes), donos da terra (*cifuci*).

Entretanto, a fusão denominativa Lunda – Cokwe estabelece a relação directa e dependente entre o povo (*Cokwe*) e a sua origem (o reino da Lunda), não obstante esse povo ter desenvolvido uma língua diferente do reino e ter criado outras variantes em contacto com outros povos. Nesta fusão denominativa os *Cokwe* encontram-se em maior número, no território angolano, (como se vê na fig. 4) atendendo que este grupo também tem “pequenas colónias” de *tucokwe* colocadas no seio de outros grupos linguísticos de Angola (REDINHA, 1969: 4).

A formação do grupo Lunda – Cokwe é histórica (Século XIX) motivada pela união entre os *Lunda* e os *Cokwe* contra o reinado dos *Muatiânvua* (ou *Mwaciyânva*) imperadores da Lunda. Nesta fusão denominativa, os *Cokwe* e os *Lunda* do Leste de Angola, empenharam-se em lutar contra o domínio desses *Muatiânvua* espalhando-se rapidamente a leste do rio *kassai*, invadindo a *Musumba*¹⁹ e dominando a sede do Império, de onde viriam a ser expulsos 10 anos depois, fixando-se posteriormente a Sul nos actuais territórios que compreendem o Nordeste da Província da Lunda – Sul e daí começarem a emigrar para outras partes de Angola, motivados pela caça e por trocas comerciais com outros povos.

Para comparar a relação dos Lunda com os *tucokwe*, CARVALHO (1975: 236) descreve os *tucokwe* como “espertos, desconfiados, enérgicos, déspotas, nómadas, caçadores por excelência e os Lundas generosos mas tímidos, submissos, cedendo facilmente ao domínio da força daqueles”, tornando-os seus servidores.

OBENGA (citado por KUKANDA, 26) faz uma classificação das etnias que comportam o grupo Lunda – Cokwe como pertencentes ao grupo Bantu do Centro de África da qual, assinala as etnias mais importantes:

1. Cokwe, Minungo
2. Lunda
3. Lwimbi, Mbwela, Ngangwela
4. Lucazi
5. Lwena ou Luvale
6. Mbunda
7. Nyengo
8. Songo
9. Lunda Ndembo.

A classificação feita por OBENGA torna o grupo muito vasto abarcando um vasto território que engloba o antigo distrito da Lunda e as regiões mais a Norte e

¹⁹ A *Musumba* era a capital do Reino, onde se situava o trono Real de *Mwaciyânvwá*.

Noroeste desse território, o que não delimita a nossa área de actuação que é a língua *Cokwe* falada no Município de Saurimo, na Província da Lunda – Sul.

No mesmo grupo, realça-se a existência de outras etnias que foram “axenadas” no passado por causa de diferentes factores (protecção contra invasões, guerras e expansão económica), tais como os *Lasas* e *Dembas* (estes fundiram-se com os *tucokwe* e os *Luvale*), os *Baketes*, os *Bacuafulias*, os *Ambwelas* e os *Tweke*, os *Phende*, *Luba*, *Matapa*, *Kete*, *Fya*, *Lulwa*, *Suko*, *Khali* e *Holo* (cf. REDINHA, 1958 e MANASSA 2013).

É na classificação feita por MARTINS (1993: 23) que se encontram os critérios reduzidos do grupo etnolinguístico Lunda – Cokwe de forma concisa, aglomerando somente os povos que se encontram nos territórios das duas Lundas, sem incluir os povos anexados pelos *tucokwe* ao longo dos dois séculos de lutas e expansão. Eis os povos do grupo:

Tabela 3 - Grupo Lunda – Cokwe (línguas: *Cokwe* e *Lunda*).

Português	Língua nativa
Lundas	Tulunda
Cokwe	Tucokwe
Congos	Tucongo
Matapas	Tumatapa
Xinjes	Maxinji (Tuxinji)
Minungos	Tuminungo

É importante realçar no grupo Lunda – Cokwe a existência de variantes paralelas às línguas do grupo pois, à medida que estas línguas entram em contacto com outras, novas formas e novos sotaques vão surgindo, originando variantes. Casos desta natureza podem ser verificados com as variantes do *Cokwe* falado na Lunda Norte e no Moxico²⁰. Sobre este assunto abordamos mais abaixo.

Actualmente não se pode restringir um certo grupo linguístico a uma única província por causa de factores como a guerra que assolou o país e as migrações de quase todos os povos de Angola levaram a haver muitos grupos etnolinguísticos circunscritos num mesmo território; logo, o mapa etnolinguístico apresentado deve fazer referencia actualmente “às zonas originárias” e de confluência geral dos grupos etnolinguísticos de Angola.

²⁰ Na Lunda-Norte, o *Cokwe* sofre influência do *ulunda*, do *Ciluba* e do *Benamai* criando variações principalmente nas letras <p> e . No Moxico, por influência do *Lucazi*, *Luvale* e *Ngangela* também encontra-se uma variação do *Cokwe*.

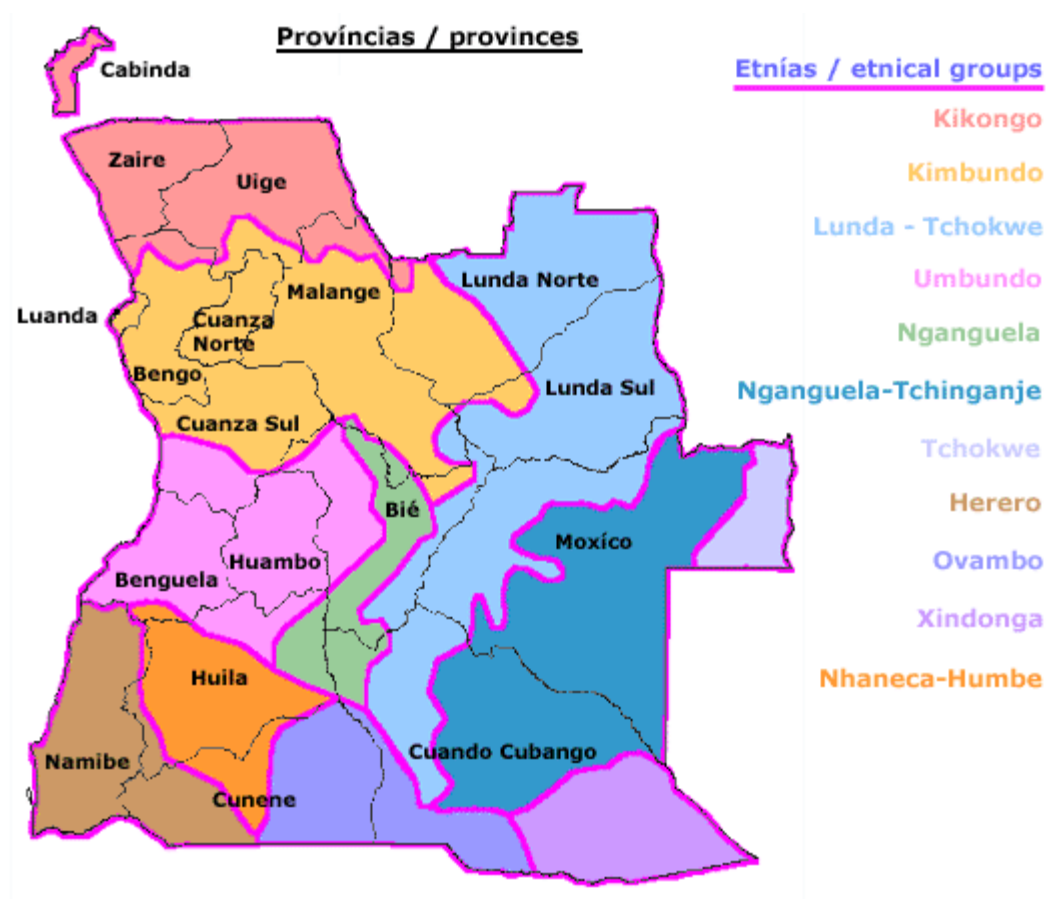


Fig. 4 – Grupos Etnolinguísticos de Angola

2.5 Língua Cokwe e suas variantes.

A língua é um factor determinante na comunicação e interacção entre várias pessoas e grupos humanos com vista uma boa convivência intercultural. Na convivência intercultural pode jogar um papel preponderante a língua com traços culturais fortes em detrimento de outras línguas aparentemente com traços culturais e comunicativos menos fortes.

Joga um papel importante na determinação de uma língua com traços comunicativos fortes a produção escrita, o léxico da língua e sua actualização regular, as estruturas fonéticas, as estruturas morfológicos e a carga cultural que representa a língua.

A Língua *Cokwe* (ou *Ucokwe*²¹) possui estruturas morfológicas e fonológicas idênticas às estruturas das outras Línguas Bantu e tem um grande valor cultural por trás o que a leva a ser uma das línguas mais distintas de Angola.

Podem-se verificar pequenos traços fortes, na capacidade que os falantes do *Cokwe* têm ao conservar os vocábulos da língua transmitindo-os quase sempre por meio de tradição oral sem que se perca, no entanto a competência sociocultural dos falantes.

Apesar da atitude positiva dos *Tucokwe* perante a sua língua é importante a criação e implementação de políticas que preservem a língua, tornando-a uma língua de tradição escrita pela produção de mais materiais que ensinem os falantes a conhecer a gramática e o léxico do *Cokwe* e a grafia correcta das palavras nessa língua.

Essa falta de produção escrita e actualização regular das estruturas fonéticas e morfológicas a nível do léxico do *Cokwe* contribui para diminuir as características que elevariam o *Cokwe* como uma língua de traços fortes.

Podemos também concluir que a falta de padrões linguísticos e actualização regular do léxico do *Cokwe* terá, eventualmente originado as outras variantes da língua.

Segundo MANASSA (2013: 32) o nome *Cokwe* provém do rio onde os emigrantes do reino da Lunda, comandados por *Cinyama*, instalaram o seu acampamento (*usenge*) para começarem a sua expansão por todo o território de Angola.

O nome derivado daquele rio passou a denominar o povo e a etnia (*tucokwe*) e a língua dessa etnia (*ucokwe*).

BASTIN (citado por ROCHA, 2005:419) salienta como esse povo reconhece as suas origens:

“Nós viemos do lago *Tanganyika*. Tão grande que o pássaro *ndjimba* pereceu na sua travessia. Moramos longo tempo na Lunda. Depois nos dispersamos. Alguns se estabeleceram às margens do afluente *tshokwe* e passaram a se chamar *Tutshokwe*. Em seguida nos dividimos. Certos grupos atravessaram as nascentes do Kwango, do Kasai, Lubembe, Tshiumbe, Luachimo, Tshikapa, até Kimbundu, e nessas redondezas se fixaram. Outros se instalaram nas terras ao redor de Moxico”.

Alguns autores sublinham ser o *ucokwe* uma língua derivada do contacto da língua Lunda com variadas outras línguas e que tenha sido criada durante a expansão dos *tucokwe* nos territórios do Nordeste de Angola a partir do século IX.

²¹ Esta codificação é usada por MARTINS mas é pouco aceite e pouco usada pelos nativos e investigadores da língua, preferindo usar simplesmente *Cokwe* para identificar a língua usada pelo grupo etnolinguístico *Tucokwe*.

A Língua *Cokwe* é actualmente uma língua de grande incidência internacional. Para além de ser falada por um grande número de habitantes do leste de Angola (províncias da Lunda – Sul, Lunda – Norte e Moxico) e por comunidades extensas nas outras Províncias de Angola (Bié, Malanje, Luanda, Cuando Cubango e Huíla) também é falada na República Democrática do Congo e na Zâmbia, tornando-se a língua de Angola com mais expressão internacional.

Desde os primórdios da sua criação, a Língua *Cokwe* é uma língua de expansão e transmissão oral. Comparando-a com outras Línguas Bantu, vemos a quase inexistência de produção escrita que possa tornar a língua “mais sólida” e uniforme para todos, tal facto levou a existir, ao longo dos séculos variações morfossintáticas na sua estrutura criarem-se desta forma as variantes do *Cokwe*.

São Variantes do *Cokwe*²²:

- 1- Mbandinga;
- 2- Baketes;
- 3- Lunda wa Ndembo;
- 4- Lunda wa Xinde;
- 5- Mayi;
- 6- Matapa.

Achamos serem factores na base dessas variantes, a falta de produção escrita e actualização do léxico, o afastamento dos povos, as interferências resultantes do contacto com outras línguas (*Ngangela, Oshihelelo e o Oshikwangali*), as guerras a que estavam sujeitos os *Cokwe* e a protecção que exerciam sobre os povos expatriados dos reinados dos *Mwaciyanvas*.

Apesar de ser uma língua de tradição oral viva há vários séculos, “o *Cokwe* é uma língua de precisão, de beleza, e harmonia singulares”²³ que apresenta características distintas e não muito diferentes das outras Línguas Bantu.

2.5.1 Características da Língua *Cokwe*.

O *Cokwe* é uma língua do grupo Bantu com características idênticas às características das outras línguas que constituem este grupo.

Na sua etimologia, a palavra Bantu é uma forma plural usada pelas línguas deste grupo para se referir a “pessoas”; todas as línguas que usam a raiz “ntu” para identificar

²² Cf. REDINHA. Etnias e Culturas de Angola e Etnossociologia do Nordeste de Angola.

²³ BARROS, Armando. Os Quiocos do Moxico. Estudo Etnográfico, pág. 3321.

“pessoas” pertencem ao grupo das Línguas Bantu. Este critério foi inicialmente usado para classificar algumas línguas que se encontram no território africano.

As Línguas Bantu utilizam prefixos para designar os povos e as suas respectivas línguas como é o caso dos *ambundos* (a-*mbundos*), *kikongo* (ki-*kongos*), *Lunda* (u-*Lunda* ou u-*runda*), *Vangangela* (va-*ngangela*), *Tucokwe* (tu-*cokwe*), entre outras.

A língua *Cokwe*, como língua pertencente a esse grupo não foge a esta regra pois sendo ela puramente prefixal utiliza a raiz *tu*, combinada com os prefixos *mu* e *a* para nomear o singular (*mutu*) e o plural (*atu*) de pessoas.

Já referimos ser o *Cokwe* uma língua de expressão maioritariamente oral, tal como a maioria das Línguas Bantu pois não possui, em grande escala, léxico próprio desenvolvido. Os textos produzidos até há pouco tempo utilizavam a “ortografia das respectivas linguísticas nacionais ou de uma espécie de ortografia sónica, utilizando para isso os caracteres românicos salpicados aqui e ali de alguns sinais diacríticos” (NOGUEIRA, 1952: 5).

Apesar de serem ortografias similares, estas se diferenciam por traços particulares referentes a cada língua que permite identifica-las, como é por exemplo, o caso do uso dos prefixos *mu* e *a* atrás citados que caracterizam o *Cokwe* e que são diferentes noutras Línguas Bantu de Angola.

A partir dessa reflexão, podemos citar, a princípio, alguns traços característicos do *Cokwe*.

Os nomes em *Cokwe* são maior parte das vezes caracterizados pelo emprego dos prefixos que diferenciam o singular e o plural e a partir destes prefixos são classificados esses nomes.

As classes de substantivos são variáveis, podendo existir em *Cokwe* cerca de 18 classes²⁴.

Cada substantivo pode pertencer a uma classe diferente, apesar de serem encontrados alguns substantivos que pertençam a várias classes.

A nasalidade é feita por meio das consoantes (<*m*> e <*n*>) combinadas com outras consoantes.

Pode haver grupos de consoantes duplas ou triplas (<*mb*>, <*ndv*>, <*nth*>, etc).

Não se acham no alfabeto do *Cokwe* as consoantes <*r*> e <*q*>, assim como determinantes.

Há presença de vogais e semivogais (<*w*> e <*y*>).

²⁴ Idem.

2.5.2 Fonética e fonologia da Língua *Cokwe*.

As estruturas da língua são baseadas na sua produção oral e escrita tendo em conta as regras gráficas para uma escrita correcta.

Ao incidirmo-nos sobre os sons produzidos, transmitidos e percebidos numa língua, fazemos referência à fonética e a fonologia da língua em estudo.

Podemos definir a fonética como a descrição das propriedades físicas dos sons, isto é, os aspectos articulatórios presentes na produção, transmissão e percepção dos sons pelos falantes de uma língua, ou seja, “estudo da estrutura sonora das línguas, isto é, nos modos de funcionamento e combinações dos sons numa dada língua” (ANDRADE 2007: 71), distinguindo sons e analisando a sua forma de produção.

A fonética pode ser vista sob três perspectivas: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva.

A fonética articulatória tem a ver com as propriedades físicas do som, isto é, o estudo dos elementos que participam na produção e articulação do som. Na produção do som participam: o sistema sub-laríngeo, a laringe e as cavidades supra laríngeas²⁵.

A fonética acústica ocupa-se “da geração, transmissão e recepção de sinais sonoros, de que a fala é um caso particular”²⁶

A fonética perceptiva tem a ver com os processos de percepção e descodificação dos sons produzidos pelo ouvido humano.

O processo de articulação e produção do som ocorre quando uma certa massa de ar é triturada pelas cavidades supra glóticas.

Centrar-nos-emos em apresentar as propriedades articulatórias do som, isto é, estudaremos a produção dos sons em *Cokwe*, essencialmente na fonética articulatória e acústica.

Para apresentar as regras da produção e articulação do som, iremos nos basear nas aprovadas pela resolução nº 3/87 de 23 de Maio da República de Angola e pela “ortografia sónica” isto é, pela produção sonora directa da língua *Cokwe*.

²⁵ Cf. MATEUS. Fonética, fonologia e morfologia do português, pág. 45.

²⁶ MATEUS. Fonética e fonologia do português, pág. 101.

2.5.3 Alfabeto do *Cokwe*: características de algumas consoantes.

O alfabeto em *Cokwe* não é muito diferente do alfabeto das outras Línguas Bantu, especialmente as Línguas de Angola. As semelhanças e diferenças começam com o conjunto de grafemas e fonemas que apresentam particularidades em cada língua.

Podemos também encontrar diferenças mínimas ou significativas na grafia de alguns grafemas que possuem sons idênticos. Tais diferenças podem-se verificar se compararmos as Línguas de Angola entre si ou com o português, tendo como exemplo prático o caso do som [tʃ].

O alfabeto da Língua *Cokwe* apresenta consoantes simples e combinações de grafemas, num total de 28 grafemas²⁷, assim apresentadas:

- Consoantes: a, c, e, f, h, i, j, k, kh, l, m, mb, n, nd, ng, ny, o, p, ph, s, t, th, u, v, w, x, y, z.
- Vogais: a, e, i, o, u.
- Semivogais: w e y.

A consoante *c* tem apresentando um problema em relação ao fonema a adoptar. Maior parte dos autores usam a pronúncia portuguesa [k], tendo como base referente o alfabeto fonético do português. Constatamos que as Línguas Bantu têm certas particularidades e especificidades próprias motivadas por traços fonéticos e morfológicos diferentes das línguas europeias.

Tal argumento surge para justificar o uso adequado de um fonema para este grafema; alguns autores usam a ortografia sónica combinada com o alfabeto fonético internacional e o alfabeto próprio das línguas nacionais. Desta forma, a consoante *c* deverá ter o valor de [tʃ].

A consoante <h> é aspirada e pode combinar com outras consoante para produzir sons aspirados, muito característicos na Língua *Cokwe*.

Exemplos: *Luhanda* = uma face/ *khakha* = avó, avô / *mwatha* = senhor, soberano

Kuhunga = abanar.

A consoante <k> lê-se [k] e pode substituir os sons das consoantes <c> e a consoante <q> que não se encontra realizada graficamente.

Exemplos: *Kasumbi* = galinha / *Kumbi* = cegonha

Usoko = parente / *kanuke* = rapaz, rapariga.

²⁷ Os grafemas e combinações apresentados baseiam-se no alfabeto apresentado pela Resolução 3/87 de 23 de Maio sobre algumas línguas de Angola e no Alfabeto Internacional de Referência elaborado pelo Instituto de Culturas e Línguas africanas de Londres, baseado nos fonemas produzidos pelas palavras na língua. (Cf. BASTIN, 2010).

A consoante <l> tem o mesmo valor fonético do Português, mas com diferenças na pronúncia pois pode ser palatal, quando combinado com a vogal *i*.

Exemplos: *Liwe* = pedra / *Kulia* = comida / *Lukhambu* = fio de cabelo.

No entanto, por não se encontrar realizada a consoante /r/ e em *ucokwe*, todos os sons compostos com essa letra são substituídos pela forma gráfica e fônica correspondente à consoante <l>, pela neologização dessas palavras.

As consoantes <m> e <n> para além de tomar o mesmo valor fonético que têm em português, podem ser combinado com as consoantes , <d>, <g>, <j>, e a semivogal <y> para formar sons nasalados.

Exemplos: *Mazuwo* = casas / *malonga* = pratos / *mbunge* = coração / *nyima* = costas / *noko* = sua mãe / *munene* = grande / *mundji* = muito / *nongwena* = camaleão.

A consoante <p> pode ser combinada com a consoante h para formar sons aspirados.

Exemplos: *Pambo* = peito / *apema* = bons, boas (seres animados) / *phembe* = cabrito / *phaci* = costelas / *phasu* = gafanhoto / *kaphela* = cobra.

A consoante <w> e <y> são semivogais e podem ser consideradas na formação de “possíveis ditongos”.

Exemplos: *Mwaso* = música / *kawe* = frio / *nongwena* / camaleão / *mwilu* = no céu / *mwokono* = hoje em dia, actualmente / *Wanuke* = infância / *Wihi*, *mwih* = baixo;

Yako = vai / *kunyonga* = pensar / *maxinyi* (empréstimo do inglês *machine*) = carro.

As demais consoantes têm o mesmo valor fonético do Português.

Existem em *ucokwe* combinações consonânticas obrigatórias usadas por ser difícil apresentá-las de forma isolada²⁸; são exemplos dessas combinações: *mb*, *nd*, *ng* e também *ndv*, *ndj*. Exemplos:

Exemplos: *Ndvumba* = leão = *ndjimbo* = machado / *mbumba* = lepra / *ngandvu* = crocodilo.

²⁸ Para alguns autores, é possível apresentar todas as consoantes nessa língua. Porém, estes estudos adaptam a fonologia das línguas Bantu nas estruturas fonéticas das línguas latinas, perdendo-se dessa forma os elementos culturais e os traços fonéticos essenciais dessas línguas; tratando-se de línguas de ramos distintos, há nas línguas Bantu traços fonéticos diferentes das línguas latinas como há nas línguas latinas grafemas e fonemas inexistentes nas línguas Bantu.

Apresentamos a seguir o quadro consonântico da Língua Cokwe, tendo em conta o ponto de articulação, o modo de articulação, vozeamento e nasalidade²⁹.

Tabela 4 – Classificação articulatória das consoantes em Cokwe.

Ponto de articulação		Modo de articulação		
		Oclusivas Orais	Nasais	Fricativas Laterais
Bilabiais vozeadas		[ph]	[m] [mb]	
Bilabiais vozeadas	não	[p]		
Labio-dentais vozeadas				[v]
Lábio-dentais vozeadas	não			[f]
Apico-dentais vozeadas		[th]	[nd]	[z]
Apico-dentais vozeadas	não	[t]		[s]
Alveolares vozeadas			[n]	[l]
Alveolares vozeadas	não			
Palatais vozeadas			[ɲ]	[ʒ] [ʎ]
Palatais não vozeadas				[ʃ]
Velaes vozeadas		[kh]	[ng]	[h]
Velaes não vozeadas		[k]		

Fonte: Adaptado de MATEUS (2005)

²⁹ Cf. FERNANDES e NTONDO; NGUNGA; FREITAS; FALÉ; MATEUS; Resolução do Conselho de Ministros da República de Angola, nº 3/87 de 23 de Maio.

2.5.4 As vogais em *Cokwe*.

As Vogais na Língua *Cokwe* são cinco (5); podem ser abertas ou fechadas. Elas podem representar a produção de sons diferentes dependendo da sua articulação.

As vogais podem ser breves ou longas, abertas, semi-fechadas ou fechadas (cf. NTONDO, s/d; SANTOS, 1962; NGUNGA, 2004), anteriores, centrais e posteriores e são pronunciadas tal como se enunciam.

Tabela 5 - Vogais em *Cokwe*³⁰.

	Vogais abertas	Vogais semi- fechadas	Vogais fechadas	Semi- vogais
Anteriores		[e]	[i]	[j]
Centrais	[a]			
Posteriores		[o]	[u]	[w]

Em *Cokwe* cada consoante ou vogal tem um valor único, diferente e indissociável dos outros, corresponde aquele mesmo som, esteja no princípio ou final da palavra.

Não existem ditongos formados pela combinação de vogais, mas sim pela combinação de semi-vogais (w, y) com as consoantes e vogais, podendo o som destas ser muito curto e quase não perceptível. Elas podem formar uma sílaba na combinação com uma consoante e uma vogal.

As palavras homógrafas podem ser diferenciadas pelos tons que apresentam as suas sílabas e não pelos acentos, vistos estes não existirem pois o *Cokwe* é uma das “várias línguas no mundo em que há tons e não acento”³¹.

Os tons em *Cokwe* existem para distinguir as sílabas e a entoação destas podendo ser “invisíveis” na enunciação das palavras.

FERNANDES e NTONDO (2002) reconhecem a existência de tons nas palavras em *Cokwe*. Estes tons existem para criar mais musicalidade nas palavras, mas não devem ser confundidos com acento gráfico. Segundo os autores, os tons altos são grafados com um acento agudo (´), os tons baixos com um acento grave (`) e as vogais longas grafadas com acento circunflexo (ˆ) por criarem um termo complexo. Mas normalmente não se usam em escrita corrente.

³⁰ Existem semelhanças entre a classificação das vogais em português e nas línguas Bantu quanto à articulação mas podem ser encontradas diferenças quando combinadas com algumas consoantes que produzem sons únicos nas Línguas de Angola.

³¹ Cf. MARTINET, André. Elementos de Linguística Geral, pág. 90.

Existem semelhanças entre a classificação das vogais em português e nas línguas Bantu quanto à articulação mas podem ser encontradas diferenças quando combinadas com algumas consoantes que produzem sons únicos nas Línguas de Angola.

Exemplos: *phémbě, kunyóngà, kaphélà, pámbò, mbâmbò, kaxîtù*.

A nasalidade em Cokwe faz-se pela combinação das consoantes <m> e <n> com outras consoantes ou vogais, sendo as combinações mais frequentes já apresentadas acima.

Quando funcionarem como semivogais, os grafemas <y> e <w> combinados aos grafemas <m> e <n> podem criar sons nasais, mas quando combinados com outras consoantes e com vogais produzem sons orais.

2.5.5 Morfologia do Cokwe.

Pretendemos com este ponto apresentar as classes dos nomes, numa perspectiva contextual. Iremos analisar os diferentes prefixos que participam na formação dos nomes comuns, das preposições e dos verbos.

Interessa-nos analisar os prefixos que participam na formação dos nomes próprios e comuns, atendendo que estes irão nos ajudar a determinar a estrutura morfológica dos topónimos.

A fonologia e a morfologia constituem um dos pressupostos importantes para a compreensão do léxico de uma língua com vista uma escrita correcta das palavras.

Segundo MATEUS, *et ali* (1990: 413), a morfologia tem como foco de estudo o conhecimento das palavras, dos seus elementos constituintes e as relações que estas estabelecem com outras palavras na frase.

Isto torna possível identificar nas palavras a forma como cada uma é formada e as combinações que os elementos constitutivos podem criar com outros morfemas.

Segundo ROSA (2002: 87), a morfologia pode interagir com o léxico de uma língua quando se trata de representar o conhecimento de um falante sobre uma língua. Tal representação pressupõe antes de mais, o conhecimento da estrutura constitutiva das palavras na língua.

Assim, o conhecimento da estrutura morfológica de uma língua permite fazer uma descrição completa de uma palavra que “inclui uma lista de morfemas, que indica a classe de formas de cada morfema bem como uma lista de todas as formas complexas cuja função seja de algum modo irregular” (BLOOMFIELD citado por ROSA, 2002: 87).

RAPOSO (1999: 89) afirma poderem ser, os itens lexicais de uma língua, classificados num número restrito de categorias gramaticais principais, destacando-se os substantivos, os adjectivos, os verbos, as preposições e os advérbios.

BECHARA (1928:109) acrescenta que o que diferencia as palavras com diferentes funcionalidades numa frase são os diversos significados que estas podem ter.

As Línguas Bantu caracterizam-se essencialmente por apresentar sistema fonético, morfológico e semântico estruturalmente semelhante. Algumas particularidades que se verificam em *Kikongo*, *Ngangela* ou em *Umbundo*, Línguas Bantu de Angola, são as mesmas que se podem verificar em *Cokwe*, excepto pequenas diferenças de nível morfológico e fonológico.

Uma das características e especificidades mais predominantes é a existência da flexão prefixal já que todas “as estruturas morfológicas dos substantivos apresentam um radical precedido do prefixo de classe” (MUDIAMBO, 2014: 129).

Segundo MATEUS *et ali* (1990: 22), a produção e percepção de enunciados linguísticos depende do conhecimento gramatical que um indivíduo possui sobre a língua. O indivíduo recorre a variadas informações que estão armazenadas no seu cérebro para organizar as estruturas sonoras e a ligação das palavras de formas a criar um enunciado perceptível a outro ouvinte na mesma língua.

Em Cokwe, o radical dos nomes é sempre precedido por um prefixo que indica a classe a que pertence.

Exemplos: *lizo/li* – *zo* = dente;

Mazo/ma – *zo* = dentes.

As primeiras sílabas (*li* e *ma*) são os prefixos nominais, enquanto *zo* é o radical.

Os substantivos são distinguidos pelas classes a que pertence o seu radical e esta determina a categoria gramatical do substantivo.

A flexão em número faz-se mediante a mudança do prefixo do substantivo.

A flexão em género, em alguns casos, consiste na junção de outros elementos especificadores ao nome visto não haver genuinamente diferença entre o masculino e o feminino.

Exemplos: *mwana wa lunga* = filho;

Mwana wa pho = filha.

O *Cokwe*, tal como outras Línguas Bantu, é regido em toda a sua estrutura gramatical pela prefixação pois esta é um factor primordial para a análise e compreensão das estruturas fonológicas, morfológicas, lexicais, sintáticas e semânticas.

2.5.6 Classes dos prefixos em Cokwe.

BECHARA (1928, 113) sustenta constituírem os nomes uma classe do lexema que determina objectos substantivos, sejam substâncias ou outros objectos tomados mentalmente como substâncias.

Ao contrário das línguas europeias que apresentam as flexões no fim das palavras, as Línguas Bantu apresentam-nas no início das palavras. Desta forma, os nomes em *Cokwe* são agrupados em determinadas classes, distinguidas pelo seu prefixo.

Essas classes constituem o conjunto de nomes que controla a concordância gramatical.

Segundo BARROS (1953) e SANTOS (1962), reconhece-se a existência de 18 classes de substantivos em *Cokwe*; com base no estudo feito por esses autores, propomos uma tabela classificativa de classes de prefixos.

Tabela 6 – classes dos prefixos em *ucokwe*.

Classes	Prefixos	Exemplos em Cokwe	Exemplos em português
1	S. Mu	<i>Mutu</i>	Pessoa
	Pl. A	<i>Atu</i>	Pessoas
2	S. Mu	<i>Mutondo / muvumbo</i>	Árvore / lábio
	Pl. Mi	<i>Mitondo / mivumbo</i>	Árvores / lábios
3	S. Li	<i>Lizo / liwe</i>	Dente / pedra
	Pl. Ma	<i>Mazo / mawe</i>	Dentes / pedras
4	S. Ci	<i>Cilima</i>	Incircunciso
	Pl. I	<i>Ilima</i>	Incircuncisos
5	S.	<i>Ngandvu</i>	Crocodilo (s)
	Ng	<i>Nganga</i>	Feiticeiro (s)
6	S. Lu	<i>Lwano / lwona</i>	Pegada / pena
	Pl. Ng	<i>Ngano / ngona</i>	Pegadas / penas
7	S. Lu	<i>Lunga</i>	Homem
	Pl. Ma	<i>Malunga</i>	Homens
8	S. Ka	<i>Kaphonya</i>	Boneco
	Pl. Tu	<i>Tuphonya</i>	Bonecos
9	S. Ka	<i>Kamutondo/kafunga</i>	Arvorezinha/pequeno pastor
	Pl. Tu	<i>Tumitondo/tufunga</i>	Arvorezinhas/pequenos pastores
10	S. Lu	<i>Luvuli</i> ³²	Veado muito grande
	Pl. I	<i>Ivuli</i>	Veados muito grandes
11	S. Ka	<i>Kanwa</i>	Boca
	Pl. Ma	<i>Makanwa</i>	Bocas

³² Aumentativo de *Vuli*, espécie de um antílope (dá o nome ao topónimo *Luavur* em Saurimo) ao qual REDINHA denomina veado (*Limnotragus spekii*). Cf. REDINHA, José (1966) Etnossociologia do Nordeste de Angola, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, pág. 140. Cf.

12	S. U	<i>Ufe, ukwa, uhulia</i>	Morte, ciúme, malandrice
13	S. Mb	<i>Mbunge, mbuki</i> <i>Mbinga</i>	Coração, curandeiro Chifre
14	S. Nd	<i>Ndongo</i> <i>Ndeke</i>	Agulha Avião
15	S. Ku Pl.	<i>Kucina, kwimba</i> <i>Kutambula, kulia</i>	Fugir, cantar Receber, comer
16	S. Mu Pl.	<i>Muma</i>	Dentro de...
17	S. Ku Pl.	<i>Kuma</i>	Um sítio...
18	S. Ho Pl.	<i>Homa</i>	Em cima de...

De uma forma geral, os nomes dos seres humanos (seres inteligentes³³), dos animais, dos seres personificados, das qualidades das pessoas e partes do corpo, em *Cokwe*, pertencem às primeiras 8 (oito) classes.

Nessas classes, a flexão em número faz-se com mudança do prefixo que antecede o radical, podendo sempre verificar-se excepções às regras de formação do plural³⁴ em casos de alguns nomes isolados.

Exemplos: *Mukixi* – *akixi* - palhaço, palhaços³⁵ / *Mujikulu* – *ajikulu* = neto, netos.

As classes 9 (nove) e 10 (dez), de acordo com o nosso quadro de prefixos, apresentam respectivamente os prefixos de classe diminutiva e aumentativa.

A classe 12 (doze) apresenta o prefixo invariável abstracto que apresenta nomes de lugares, estados e serviços.

Exemplos: *Ungamba* – serviço de carregamento / *ukhemba* infância / *upite* riqueza / *utoma* - pureza / *upombelo* - lugar de dormir / *usophelo* - lugar para julgar.

Os prefixos da classe 13 (treze) e 14 (catorze) apresentam outros nomes comuns invariáveis, resultantes das combinações <mb>, <nd>.

Exemplos: *Mbinga* – chifres / *ndvumba* – leões.

³³ Termo usado por BARBOSA (1989: XI, Dicionário Cokwe-Português).

³⁴ Alguns nomes que apresentam no singular o prefixo *mu* (*mwihwa* = sobrinho) fazem o plural em *e* (*ehwa*= sobrinhos). Outros como *Ndvumbo* (irmão/a) fazem o plural em *mandvumbo* (irmãos/as); outros nomes são uniformes: *nyali* (cunhado/a, cunhados/as).

³⁵ Os palhaços de que se fala são dançarinos profissionais presentes na tradição Cokwe. Estes vestem-se de máscaras para a dança. As máscaras caracterizam cultos aos antepassados, espíritos, entidades ou objectos que os representam. Cf. Marques, 2010.

A classe 15 (quinze) apresenta um prefixo invariável usado normalmente para o infinitivo verbal em *Cokwe*.

Exemplos: *Kuhwima* – respirar / *kulamba* – bater / *kucina* – fugir / *kunwa* – beber.

As classes 16 (dezasseis), 17 (dezassete) e 18 (dezoito) apresentam os prefixos locativos. O singular e o plural são expressos por numerais ou adjectivos que os qualificam.

Exemplos: *Kuma kumuwikha* – um só sítio / *muma mumuwika* – num só lugar

Homa hamuwikha – em um só lugar.

Em todas as classes apresentadas acima podem-se encontrar, em algumas, substantivos uniformes e biformes.

Ao analisar os principais prefixos usados nas classes nominais em *Cokwe* teve-se em conta as fontes orais da língua e a posição das fontes materiais pois, “a história das sociedades africanas estrutura-se sobre fontes de mais variada natureza e a construção da memória terá que socorrer-se daquilo que a oralidade nos preserva, mas também do que a escrita fixou” (TAVARES, 2008:166).

2.6 Toponímia do Município de Saurimo.

A nomeação de lugares foi, desde sempre, uma preocupação humana, um meio pelo qual o homem podia conhecer as coisas, ordená-las e classificá-las; foi o acto primário do homem desde os primórdios da sua existência. Nomear é um costume singular que permite ao homem incluir no círculo em que vive a identificação dos seres e demais objectos com existência física ou metafísica, permitindo, desta forma, uma maior interacção com o meio.

Ao ser criado, um nome tem várias implicações culturais relacionadas com o tempo da sua criação, com seus criadores, assim como com as motivações que originam o seu surgimento, criando para a coisa nomeada uma história a ser contada por várias épocas.

A principal preocupação ao nomear pressupõe “conhecer os objectos da terra pelos nomes próprios dados pelos naturais da região” (DICK, 2006:94). Desta forma, o acto de nomear evidencia a cultura e a visão do mundo, do nomeador, onde se tem em conta as escolhas dos nomes que identificam os referentes e a dimensão cultural da língua em que estes são referidos (TAVARES e ISQUERDO, 2006: 274).

A toponímia é o ramo da Onomástica³⁶ que se ocupa do estudo dos aspectos geográficos, históricos, sociais, económicos e antroponímicos que se encontram por detrás de qualquer nome geográfico.

De acordo com SOUSA (2007c: 116), a Toponímia (do grego *tópos* = lugar + *ónyma/ónoma* = nome + *ia*) usa os pressupostos onomásticos (pois, faz parte dela) para explicar a procedência e a significação dos designativos geográficos, exigindo a motivação de escolha desses nomes de lugares.

Para DICK (2007: 146), um topónimo (do grego *topo* + *ónimo*) é uma designação, um nome geográfico próprio de uma região, de uma cidade, vila, povoação, rio, lugar público e corresponde à análise dos traços taxionómicos inerentes à sua constituição e ligados aos campos semânticos de um sistema linguístico.

A Toponímia como ciência surge no século XIX em França, com os estudos de Longnon em 1878 e tinha como meta o estudo e recuperação da etimologia dos nomes de todos os lugares, em contextos do povo que os havia nomeado.

Actualmente, essa ciência interessa-se pela explicitação da etimologia dos nomes, os seus caracteres semânticos assim como transformações linguísticas de carácter morfológico, fonológico e fonético que os nomes vêm a sofrer desde o momento da sua criação e “primeiro uso” na cultura do denominador.

Os estudos sobre os aspectos etimológicos, linguísticos, históricos e culturais que envolvem os topónimos têm que ter em conta a influência de outras áreas do saber, já que a toponímia é “um imenso complexo línguo – cultural, em que dados das demais ciências se inter-relacionam necessariamente e não exclusivamente” (DICK, 1990: 36). Destas áreas, podemos citar a Linguística, História, a Geografia, a Antropologia, a Fonologia e a Morfologia.

De acordo com as causas que tenham contribuído para o aparecimento do topónimo, podemos distinguir diferentes classes de topónimos pois “os topónimos individualizam lugares”³⁷ e articulam diversos conhecimentos antropológicos, geográficos, históricos e linguísticos.

Tendo em conta as diferentes áreas que se entrelaçam com os estudos em toponímia, podemos ver a toponímia numa dimensão linguística e numa dimensão histórico-geográfica.

³⁶ A Onomástica é a ciência que estuda os nomes próprios em geral (VASCONCELOS, 1931: 1). Ela divide os nomes em duas áreas principais: Toponímia (estudo do nome dos lugares) e Antroponímia (estudo do nome das pessoas. VASCONCELOS (1931) identifica uma terceira categoria que corresponde a “vários nomes próprios” que denominam entidades sobrenaturais, astros, ventos e várias outras coisas, dando lugar a sub-ramos ou ramos especiais.

³⁷ Cf. SERRA, 1975:17.

A dimensão linguística da toponímia trata de explicar os aspectos estruturais do topónimo ligados à sua morfologia e etimologia; pode-se também ter em conta nessa perspectiva as análises das *taxes* predominantes da formação dos nomes, as classificação taxionómica do topónimo, a língua em que se encontra, a classe em que pertence e demais aspectos.

A dimensão histórico-geográfica trata de explicar a origem do topónimo e os contornos históricos que motivam a sua nomeação, ou seja, a proveniência do topónimo e as causas que o originam.

A análise toponímica feita neste trabalho está baseada nestas dimensões toponímicas visto serem nessas dimensões que se envolvem as tendências sociais, políticas e culturais que motivam os signos toponímicos, principalmente aliadas às características físicas ou geográficas do local e aos sentimentos do denominador (DICK, 1990: 24).

2.6.1 Categorias toponímicas.

A Toponímia também se preocupa com a exploração dos conhecimentos provenientes das outras áreas de estudo para, entre outras actividades, desvendar a história dos grupos humanos de uma dada região, desvendar as particularidades socioculturais dos povos da região, as relações estabelecidas entre estes povos e o meio em que vivem e as características físicas ou geográficas da região.

Ao longo do período de vivência de um povo numa região, este irá criar nomes de diversas proveniências para “nomear” o meio que o rodeia assegurando nesses lugares uma memória cultural, crenças, lendas e identidades perduráveis por várias gerações.

Para FERNANDES (1943: 25) os topónimos podem pertencer a diferentes grupos que podem ser nomes de animais, de objectos de uso comum, fenómenos ou efeitos da natureza, nomes de letras do alfabeto grego, nomes abstractos, nomes simples ou compostos.

VASCONCELOS (1931: 139) divide os estudos toponímicos em 3 secções ou categorias:

- 1- Nomes de lugares classificados segundo as línguas em se apresentam;

Nessa secção, o autor classifica os nomes segundo as línguas em que estas procedem tendo em conta factores, de várias naturezas.

- 2- Nomes de lugares classificados segundo os modos de formação toponímica;

Nessa secção, os nomes são classificados tendo em conta as circunstâncias, especificidades ou transformações que sofrem a nível fonético ou morfológico durante a sua formação e fixação.

3- Nomes de lugares classificados, segundo a causa que lhes dá origem;

Nessa secção, os nomes são vistos de acordo a sua proveniência, isto é à motivação que influencia os grupos humanos pertencentes a uma circunscrição geográfica a atribuição daquele topónimo.

Esta classificação é, para nós, uma das mais importantes pois é nela que se espelha a memória cultural do topónimo, a identidade do topónimo fixada na língua do denominador.

Trata-se de categorizar os topónimos em três abordagens sucintas que consistirá, segundo ROSTAING (citado por MELO, 2012: 14) em “investigar a significação e a origem dos nomes de lugares e também de estudar suas transformações”.

São várias as origens dos topónimos e várias as transformações que estes sofrem, facto que nos leva a optarmos pelo modelo classificativo proposto por DICK, por acharmos o mais conveniente e actualizado para a classificação toponímica.

Para a autora, os estudos toponímicos não se limitam a classificação linguística ou etimológica dos nomes de lugares; é também importante ter em conta aspectos extra linguísticos que estão na base da sua origem pois, o topónimo é um elemento de memória dos povos que se relaciona com a cultura e a própria história tanto do local que ele nomeia como da motivação do nome (DICK, 1990).

DICK (1990, 1992, 2007) apresenta o *Sistema Toponímico Taxonómico* (que doravante trataremos por STT) formado por 27 categorias toponímicas usadas para explicar as causas que estão na origem dos nomes.

O STT tem a função de criar uma cadeia onomástica num dado espaço “que possibilitará o desenvolvimento de análises nominais e a consequente fixação de um *modelo* ou *padrão de nomes* válido para a comunidade doadora ou receptora”.

Ao usarmos o STT proposto por DICK, pretendemos comparar e usar a realidade brasileira sobre classificações toponímicas e aproveitar os critérios de classificação taxonómica para delimitar os topónimos da nossa área de estudo, preparando dados para trabalhos futuros.

Assim, no acto de nomeação são consideradas as características “sócio-histórico-culturais ligados ao contexto de um grupo alocado num determinado espaço geográfico marcado por determinadas características físico-naturais” (SOUSA, 2007c: 118).

2.6.2 Sistema Toponímico Taxonómico (STT)³⁸.

O STT comporta 27 categorias toponímicas, sendo onze (11) relacionadas com o ambiente físico, chamadas Taxionomias de Natureza Física e dezasseis (16) relacionadas com os aspectos sócio-históricos-culturais, denominadas Taxionomias de Natureza Antropo-Culturais.

2.6.2.1 Taxionomias de Natureza Física.

- a) Astrotopónimos: são topónimos relacionados com os astros e tomam o nome destes. Exemplos: Bairro Estrelar.
- b) Cardinotopónimos: topónimos relativos às posições e localizações geográficas.
- c) Cromotopónimos: topónimos relativos às escalas cromáticas.
- d) Dimensiotopónimos: topónimos relacionados com as dimensões dos acidentes geográficos. Exemplos: rio longo, montanha grande.
- e) Fitotopónimos: relativo aos topónimos vegetais, como por exemplo flores.
- f) Geomorfotopónimos: topónimos que se relacionam com as formas topográficas. Exemplos: Morro do Binda, Baixa do Mwangeji.
- g) Hidrotopónimos: topónimos relacionados com acidentes hidrográficos maiores e menores.
Exemplos: Camundambala, Luachimo, Lumeje, Chicapa.
- h) Litotopónimos: topónimos relativos a minerais ou a diferentes formas de que se constitui o solo.
Exemplos: Aço, Terra Vermelha.
- i) Meteorotopónimos: topónimos que se relacionam com fenómenos atmosféricos em geral.
Exemplos: Pedra de gelo, Sochuva.
- j) Morfotopónimos: topónimos relativos a formas geométricas.
- k) Zootopónimos: topónimos relacionados com animais.
Exemplos: Sambwota, Luavur.

2.6.2.2 Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural.

- a) Animototopónimos: topónimos relativos a vida psíquica, a vida cultural.
- b) Antropotopónimos: topónimos relacionados com nomes próprios individuais.
Exemplos: Henriques de Carvalho.
- c) Axiotopónimos: topónimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais.

³⁸ Inspirado de DICK (1992, 2007).

Exemplos: Almirante Gago Coutinho.

- d) Corotopónimos: topónimos relativos a regiões, cidades, países, continentes.
- e) Cronotopónimos: topónimos que se relacionam aos indicadores da cronologia dos adjectivos novo e velho.
Exemplo: Terra Nova, Ponte Velha.
- f) Ecotopónimo: topónimo relativo às habitações em geral.
Exemplo: Chalé.
- g) Ergotopónimo: topónimos relativo aos elementos da cultura material.
Exemplos: Jangada.
- h) Etnotopónimos: topónimos relativos aos elementos étnicos de um povo, ou tribo.
Exemplos: Xinje, Kazembe, Muatxiyava.
- i) Dirrematopónimos: topónimos relacionados com frases ou enunciados linguísticos.
Exemplos: Passa bem.
- j) Hierotopónimos: topónimos relativos a nome sagrados de crenças e associações religiosas ou locais de culto.
Exemplos: Santa Isabel, Santo António.
- k) Historiotopónimos: topónimos relativos aos movimentos históricos, a seus membros e a datas comemorativas desses movimentos.
Exemplo: 11 de Novembro.
- l) Hodotopónimos: topónimos relativos a vias de comunicação urbana ou rural.
Exemplos: Avenida da Liberdade, avenida Deolinda Rodrigues.
- m) Numerotopónimos: topónimos relativos a adjectivos numerais.
- n) Poliotopónimos: topónimos relativos aos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação.
Exemplos: Vila Matilde, Cidade Diamante.
- o) Sociotopónimos: topónimos relativos a actividades profissionais, locais de trabalho, aglomerados humanos, entre outros.
Exemplos: Portão do Leste.
- p) Somatopónimos: topónimos relativos a partes do corpo humano ou corpo de animais.

De acordo com a classificação da toponímia, podemos fazer uma distinção entre macrotoponímia e microtoponímia³⁹.

A macrotoponímia, também chamada de toponímia maior (FERREIRA, 2007) é constituída por topónimos que identificam espaços geográficos mais extensos.

A microtoponímia ou toponímia menor é constituído por topónimos que identificam espaços menores em comparação com outros de onde fazem parte.

³⁹ Estes termos são usados por FERREIRA (2007), MELO (2012) e SOUSA (2007).

Em função disso, teremos na nossa abordagem um macrotopónimo (o município de Saurimo) do qual analisaremos os microtopónimos.

2.7 Toponímia e identidade cultural de uma sociedade.

O estudo de qualquer cultura passa pelo estudo das características da língua subjacente. A partir dela podem-se constatar os costumes, pensamentos e motivações que levam um grupo social a nomear qualquer acidente, seja humano ou geográfico.

Apesar de as línguas constituírem um factor de manifestação da cultura dos povos, não são em si estáticas, evoluem à medida que a cultura dos povos entram em contacto com outras culturas, produzindo fenómenos de aculturação ou inculturação. Com isso, pode também sofrer a onomástica, visto que com a importação de valores culturais também se podem importar nomes de pessoas, nomes de lugares, nome de coisas, formas de falar, modos de pronúncia, etc.

A cultura compreende um conjunto de sistemas simbólicos no qual se inclui a língua, as regras matrimoniais, as relações económicas, a arte, a ciência e a religião tendo como principal fim a expressão da realidade física e social e as relações que estas realidades estabelecem entre elas no meio que rodeia o homem.

Para Benedict (citado por CUCHE, 2006: 79) a cultura dos povos compõe-se de costumes que “formam sistemas cheios de várias combinações, agrupados em várias famílias, onde se reconhecem também os costumes de outras sociedades adoptadas por estes”.

A toponímia tem como objectivo estudar a procedência dos nomes e os seus significados, evidenciando a motivação do nome à luz da realidade social, histórica e cultural do povo ou grupo social que nomeia o topónimo.

Na análise do topónimo, deverá ter-se em conta factores motivacionais de dupla natureza: factores de natureza Ambiental ou Físico e de natureza Cultural ou Antropo-cultural. Estes factores ajudam a determinar até que ponto o meio e a cultura influenciam o denominador a nomear, tendo como recurso um sistema linguístico.

A toponímia de um lugar pode ter diferentes origens ligadas aos aspectos geográficos, à fauna ou à flora, aos animais, aos nomes de pessoas, a determinados acontecimentos marcantes da história da região, a seus precursores, a mitos humanos ou sobrenaturais, a acontecimentos religiosos ou a todo um conjunto de factores que envolvem a memória cultural de um povo em diferentes escalas, expressa por meio da língua.

Os topónimos estão ligados a tendências linguísticas e socioculturais de várias épocas na medida em que ao longo do tempo, estes podem ter sido transformados ou

substituídos, por influência de vários factores, internos ou externos por outros que se achassem mais cómodos do ponto de vista morfológico ou fonológico, como foi o caso de muitos topónimos africanos modificados na época de ocupações e colonização europeia.

Em termos gerais, a toponímia constitui a identidade cultural de qualquer sociedade. Uma sociedade é culturalmente rica quanto mais valorizada e mais conhecida forem as motivações toponímicas.

Apesar de a toponímica estar directamente ligada à cultura, há uma “psicoligação”⁴⁰ e influência com aspectos linguísticos, geográficos, antropológicos que combinam para formar a identidade do topónimo no meio em que ele se insere, fazendo do acto de nomear a reflexão da “cultura e a visão do mundo do denominador que são demonstradas por meio das escolhas dos nomes que identificam os referentes relacionados com a realidade de cada grupo” (TAVARES e ISQUERDO, 2006:274).

⁴⁰ Usa-se o termo psicoligação por haver uma possível ligação psicológica entre o topónimo, o seu denominador e a sua motivação que origina o nome.

Capítulo 3

METODOLOGIA DA RECOLHA DE CORPUS DOS
TOPÓNIMOS.

A metodologia usada na presente dissertação é mista (qualitativa e quantitativa) pois, apresenta-se com uma pluralidade destes métodos de visão indutiva e descritiva, dos quais a observação, a documentação, questionários e entrevistas tomaram o realce a fim de nos ajudar a compreender a forma como alguns topónimos encontram-se grafados em alguns documentos oficiais da província e o modo como são pronunciados pelos nativos na língua de origem, tratando-se de topónimos de origem *Cokwe*.

Tivemos em conta para a recolha do *corpus* a variedade de documentos administrativo em que se encontram os topónimos, placas de sinalização de ruas, pronúncia e compreensão do denominador, o nativo, e as regras estabelecidas pelo alfabeto da Língua *Cokwe* (doravante LC).

As observações sobre as diferentes formas de escritas de alguns topónimos em placas de sinalização e documentação, as entrevistas e questionários à população acessível foram realizadas de Julho Outubro de 2014.

A análise dos topónimos recolhidos para este trabalho seguiu um percurso metodológico misto que consistiu na recolha dos topónimos e no estabelecimento dos significados e etimologias por detrás desses nomes ou no estabelecimento de significados e etimologias para corresponde-los com os respectivos nomes, culminando com a elaboração de fichas toponímicas onde se classificam os topónimos segundo várias variáveis com informações culturais e sociais como a etimologia ou significado do topónimo, as variantes gráficas, o ano de fundação, o gentílico, entre outros, constituindo uma classificação completa e detalhada do topónimo.

Os dados das fichas toponímicas criadas foram usados para a elaboração de uma base de dados toponímica onde se enquadra a relação complementar entre a proposta de grafia correcta dos topónimos e a sua pronúncia, tendo em conta o alfabeto da LC e a pronúncia e significado dos topónimos nessa língua.

3.1 Delimitação da região.

O macrotopónimo Saurimo situa-se a Leste da República de Angola entre as latitudes 8° 20'S e 10° 39'S e longitudes 19° 30' e 21° 5', correspondente a amplitude longitudinal E, limita-se a Norte com a província da Lunda Norte, a Leste com o município do Muconda, a Sul com o município do Dala e a Oeste com o município do Cacolo⁴¹.

Possui uma área vasta com cerca de 23 327 km², tendo 800 a 1000m de altitude média, uma rede hidrográfica formada por diversos rios, sendo os principais: *Chiumbwe*, *Luachimo*, *Chicapa*, *Kassai*, *Cuilo*, *Luange*, o que leva a criar um clima húmido na região.

⁴¹ Cf. Mapa 1 e 2.

A economia de Saurimo baseia-se principalmente na agricultura, no comércio, hotelaria e na extracção de diamantes, principal actividade industrial da chamada “Cidade Diamante”.

A área correspondente ao macrotopónimo Saurimo é de 6 283 km². Nesta área podem ser encontrados variados topónimos que identificam várias realidades (bairros, ruas praças, rios, montes, entre outros).

3.2 Constituição do *corpus*.

Os topónimos usados na estrutura deste trabalho estão circunscritos ao município de Saurimo, à comuna sede e a duas outras comunas que compõem o município (Sombo e Mona Quimbundo). Foram recolhidos (maioritariamente) topónimos que apresentam variações gráficas e incompatibilidades entre a forma gráfica e a fonológica.

O nosso *corpus* de análise foi constituído de dados recolhidos a partir de:

- Listas de topónimos grafados em documentos da Administração municipal de Saurimo.
- Mapas cartográficos do Município de Saurimo obtidos a partir da Direcção provincial do Ordenamento do Território do Município de Saurimo e do Instituto Geográfico e Cadastral de Angola.
- Lista das povoações classificadas até 1962, pertencentes à documentação do Ministério da Administração do Território.
- Relatórios sobre a Divisão Política, Administrativa e Toponímia de Angola do Ministério da Administração do Território.
- Documentos provenientes das Direcções Provinciais da Cultura, da Educação e da Justiça e Direitos Humanos da Província da Lunda Sul.
- Entrevistas dirigidas e semidirigidas às autoridades tradicionais, entidades eclesásticas e historiadores do município.
- Questionários.
- Placas de sinalização de ruas.

A amostra do *corpus* obtido representa uma parte dos topónimos do município e os resultados obtidos serão generalizados visto que a maioria dos topónimos se encontra escritos em contextos da língua local (LC).

Foram enviados 10 (dez) questionários às direcções provinciais, tendo sido recebidos 7 (sete), sendo que as respostas foram usadas para constituir o *corpus*.

A linguagem usada nos questionários e nas entrevistas foi clara e objectiva, de fácil compreensão para os inquiridos. Os questionários foram respondidos vivamente

ficando os questionados um pouco hesitantes nas respostas mais profundas (cf. Modelo de questionários e entrevista dirigida em apêndices).

As entrevistas foram registadas em áudio e posteriormente transcritas para melhor serem analisadas.

3.3 Amostragem.

Segundo COUTINHO (2014: 89) uma amostragem pressupõe uma selecção de elementos que participam de um estudo. O subconjunto desses sujeitos que representará a população será a amostra (ECHEVERRÍA, 2003).

Usamos uma amostragem probabilística aleatória estratificada e amostragem não probabilística por escolha racional composta por 50 indivíduos do município sede.

Uma amostra aleatória estratificada consiste em dividir a população alvo em grupos (FORTIN e FILION, 2009); no nosso caso foi considerada a função que desempenham, a idade e a etnia onde pertencem⁴². Uma amostra por escolha racional implica a divisão dos indivíduos em função de traços característicos; no nosso caso, os traços relevantes foram a idade e a função que ocupam os entrevistados.

Foram consultados delegados provinciais, autoridades tradicionais do município de Saurimo, nomeadamente os principais regedores da comuna de Saurimo, os Sobas e seculos que constituem as autoridades tradicionais da comuna sede.

Dentre os entrevistados destacam-se directores provinciais da Cultura e Justiça e Direitos Humanos, os regedores Saulimbo, Kazembe, Sa Meneka, assim como os sobas Sweja, Saulimbo, Sassamba e outros sobas pertencentes a estas regedorias, num total de 46 autoridades tradicionais, padres e historiadores do município.

A idade média das pessoas que participaram das entrevistas é de 50 anos, dos dois sexos pertencentes às etnias Cokwe, Baluba, Lunda e Lwena, maioritariamente.

3.4 Análise de topónimos.

Procedemos à análise linguística dos topónimos recolhidos, a fim de identificar os contextos dos topónimos transformados ou substituídos e dos topónimos com variação da grafia, tendo em conta a fonologia da LC e a escrita corrente do topónimo. A análise linguística consistiu também em verificar a forma como (e se) estão grafados estes topónimos nos dicionários e a classe prefixal da palavra na LC.

⁴² Cf. Perfil dos entrevistados em anexos.

Usamos o dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora e o dicionário Cokwe – Português de Adriano Barbosa para verificar se estavam grafados os topónimos.

Foram recolhidos com os métodos atrás citados cerca de 100 (cem) topónimos, estando maior parte destes nomes escritos na língua local (*Cokwe*).

Partindo de uma perspectiva semasiológica procurámos extrair e trabalhar com os topónimos que apresentam diferentes formas de grafia e os topónimos que não obedecem à grafia da língua em que se encontram a fim de compararmos com o significado e pronúncia destes na LC, onde escolhemos 35 topónimos que constituem o nosso modo de análise.

A maioria dos topónimos do município de Saurimo estão nomeados com base em características contextuais particulares relativas ao ambiente físico (animais ou plantas) em que se situa o topónimo ou com base em características sociais (pessoas) referentes à circunscrição toponímica.

Os topónimos analisados podem ser agrupados em dois (2) tipos:

- Topónimos de origem portuguesa;
- Topónimos de origem *Cokwe*.

Propomo-nos a análise de 10 fichas toponímicas com microtopónimos de Saurimo, sublinhando os contextos locais das variáveis de análise⁴³, deixando a apresentação dos restantes 25 microtopónimos para a base de dados.

Ficha Toponímica 1

- Topónimo: Saurimo.

Transcrição fonética: [saw'rimu].

Ano de criação: 1917.

Taxonomia: Corotopónimo/antropotopónimos.

Etimologia/origem: Cokwe; topónimo de formação híbrida proveniente do antropónimo Cokwe *Saulimbo*. *Saulimbo* era um dos chefes nativo da área, um soba grande, na altura da chegada dos portugueses na Lunda. Pela semelhança do som da sílaba *li* [lí] com o som português *ri*, o nome foi modificado para Saurimo (padre César Bumba, entrevista em 30/08/2014). De lembrar que antes de passar para a categoria de cidade o nome deste topónimo passou a chamar-se Vila Henrique de Carvalho (de 1920

⁴³ Podem ser vistos como os elementos necessários para a definição criteriosa dos topónimos.

a 1956) em memória ao seu fundador e primeiro governador, o General Henrique Augusto Dias de Carvalho.

Estrutura morfológica: Nome masculino simples.

Variante gráfica: N/E.

Gentílico (proposta): saurimbuense, saurinato.

Proposta de grafia: Saurimo.

Transcrição fonética: [saw'rimu].

Ficha Toponímica 2

- Topónimo: Saulimbo.

Transcrição fonética: ['sawɫimbo].

Ano de criação: antes de 1800*.

Taxonomia: antropotopónimo.

Etimologia/origem: Bantu; do Cokwe, *Sa Urimbo* (*Sa ulimbo*), nome composto pelo prefixo paternal *Sa*⁴⁴ e pelo nome de classe abstracta *Urimbo* (*ou ulimbo*). *Sa Urimbo* era um dos chefes nativo da área descoberto por exploradores europeus por volta do século XVIII; junto com o *Mwatha Kazembe*, *Mwacisenge* e *Mwaciyanya*, dividiam por si o antigo território da Lunda antes da sua formação como colónia portuguesa. *Urimbo*⁴⁵ é uma cola pegajosa que aquele líder usava como uma espécie de armadilha para pegar pássaros, daí passar a ser conhecido caracteristicamente pelo nome que simbolizava a técnica que usava na actividade que realizava⁴⁶. Segundo o actual regedor adjunto da regedoria Sa Urimbo, este nome pertence aquela linhagem há muitos anos e não terá sido fruto da actividade que exercia na altura o suposto regedor

⁴⁴ Cf. MARTINS, 2001: 274.

⁴⁵ Cf. MARTINS, 2001: 93.

⁴⁶ Regedor *Kazembe* (entrevista concedida em Saurimo, 25/08/2014) e Regedor *Sa Ulimbo* (entrevista concedida em 21/08/2014).

*Quando começou a época das expedições europeias algumas dessas povoações já existiam há um tempo pelo que fica difícil determinar a data exata da sua criação. No século XIX, quando os exploradores europeus começaram a atravessar a África e registar as povoações que encontravam já havia indícios da existência de maior parte desses bairros. BASTIN (2010: 23) relata que comerciantes pombeiros, na sua primeira travessia do continente africano, terão encontrado em 1806 o reino de *Kazembe*, actualmente chamada regedoria Kazembe; este encontro é mencionado pelo informante, o regedor *Kazembe* (Joaquim Cisoka) demonstrando a antiguidade do bairro. Segundo a oralidade do nosso informante, o regedor *Kazembe*, terão sido os seus ancestrais a receber os primeiros exploradores europeus nas margens do rio *Cikapha* onde estes viviam. Nessa altura, havia separação de territórios sendo que o lugar onde está sediada actualmente a cidade de Saurimo era o território habitado pelo soba *Sa Ulimbo*.

nomeado, apesar das teorias apresentadas ao longo dos anos por outras pessoas que presenciaram esses actos.

Estrutura morfológica: nome masculino simples, 12ª Classe.

Variante gráfica: Saulimbô.

Gentílico (proposta): saulimbuense.

Proposta de grafia: Sa Ulimbo.

Transcrição fonética: ['sawɫimbo].

Ficha Toponímica 3

- Topónimo: 11 de Novembro.

Transcrição fonética: [õzdino'vẽbru].

Ano de criação: 1978.

Taxonomia: Historiotopónimo.

Etimologia/origem: do português; o topónimo 11 de Novembro corresponde à data de comemoração da Independência de Angola alcançada em 1975. Marca o culminar do esforço de um povo que ao longo de 14 anos de luta armada e muito esforço hasteou a bandeira da liberdade e como símbolo de conquista. Para manter a chama da Independência foi nomeado esse bairro com esse nome.

Estrutura Morfológica: Nome composto por um termo numérico (11) e por um nome simples (Novembro).

Variante gráfica: N/E.

Gentílico: novembrino, novembrense.

Proposta de grafia: 11 de Novembro.

Transcrição fonética: [õzdinovẽbru].

Ficha Toponímica 4

- Topónimo: Luavur.

Transcrição fonética: [lwa'vur].

Ano de criação: 1965.

Taxonomia: zootopónimo.

Etimologia/origem: Bantu, do Cokwe *lwavuli*; proveniente de um animal chamado *vuli* que habitou a antiga floresta (inexistente) da área; caçado e suculento, dava aos moradores a memória de “bifes inesquecíveis”. Para manter a lembrança dos tempos de caça ao animal, deu-se ao rio e aos bairros circundantes o nome desse animal (regedor kazembe, Jacinto Txissoka, entrevistado em 25/08/2014; soba Mucinenu Bernardo, entrevistado em 22/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome simples, 10ª Classe.

Variante gráfica: Luavuri, Lwavuri.

Gentílico: luavurino

Proposta de grafia: Lwavuli.

Transcrição fonética: [lwa'vuɿi].

Ficha Toponímica 5

- Topónimo: Candembe.

Transcrição fonética: [ka'ɲdembe]

Ano de criação: entre 1932.

Taxonomia: zootopónimo/hidrotopónimo.

Etimologia/origem: Bantu; do Cokwe, *Kandembe* (pequeno peixe). Provém de um rio por onde se pescavam em abundância o *ndembe*, um peixe muito pequeno, e por sinal muito saboroso até nos dias actuais, usado especialmente para ser incluído num prato típico: *a sopa de peixe*. O nome é formado pelo prefixo da classe diminutiva *ka* que dá a ideia de pequeno (regedor Kazembe, Jacinto Txissoka, entrevistado em 25/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome simples, 8ª Classe.

Variante gráfica: Kandembe, Camdembe.

Gentílico: Kandembense.

Proposta de grafia: Kandembe.

Transcrição fonética: [ka'ɲdembe].

Ficha Toponímica 6

- Topónimo: Catoca.

Transcrição fonética: [kɐ'tokɐ].

Ano de criação: entre 1920 e 1930.

Taxonomia: Sociotopónimo/hidrotopónimo.

Etimologia/origem: do verbo Cokwe *kutoka* (perder-se). O nome provém do rio Catoca. Próximo deste existia uma floresta enorme onde muitas pessoas se perdiam principalmente aquelas que não pertenciam aquela área. Com o crescente fenómeno de desorientação e desaparecimentos de pessoas, os nativos apelidaram o rio, a floresta e a área em si de Catoca (Soba Sambaya, José Munenge, entrevistado em 21/08/2014). Com a descoberta do kimberlito de Catoca pela Diamang entre 1965 e 1975, esta área passou a ser considerada uma zona mineira para a exploração de diamantes e foi completamente desflorestada, permanecendo só a mina de Diamantes e pequenos bairros ao redor.

Estrutura morfológica: Nome simples, 8ª Classe.

Variante gráfica: N/E.

Gentílico: mineirense.

Proposta de grafia: Catoca, Katoka.

Transcrição fonética: [kɐ'tokɐ].

Ficha Toponímica 7

- Topónimo: Passa – Bem.

Transcrição fonética: [pasɐ'bẽ].

Ano de criação: 1986.

Taxonomia: Dirrematopónimo.

Etimologia/origem: português; o nome surge por conveniência de moradores que pretendiam viver em harmonia sem motivos aparente de discórdia, dado o histórico dos

habitantes do bairro. O bairro foi criado por razões de guerra (composto essencialmente por ex-militares das FAPLAS e das FALA, deslocados de guerra de outras províncias e da mesma província e pessoas que decidiam isolar-se dos seus familiares em consequência de vários conflitos) exigindo-se a todos os habitantes do bairro que “passassem bem” e convivessem em harmonia, sem qualquer incitação à violência (soba Sakandjindji, João Augusto Luís, em 22/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome composto.

Variante gráfica: Passa Bem.

Gentílico: passabense.

Proposta de grafia: Passabem.

Transcrição fonética: [pasɐ'bẽ].

Ficha Toponímica 8

- Topónimo: Chicapa.

Transcrição fonética: [ʃi'kapɐ].

Ano de criação: 1964.

Taxonomia: zootopónimo/hidrotopónimo/poliotopónimo.

Etimologia/origem: Bantu; do Cokwe, *Cikapha*. O nome provém da acção dos crocodilos gigantes que comem muitas pessoas, nas margens, em ataques brutais sem tempo de reacção; ora, o verbo que descreve a forma como os crocodilos surpreendem as pessoas, em *Cokwe* é *kukapha* (ou *kukaphula*), ficando o substantivo masculino singular (*cikapha*) dado ao causador do acto, o crocodilo. Apesar de se ter criado o bairro e se ter dado o nome ao rio, no século passado, essas feras e as suas acções já se faziam sentir desde há muito (regedor kazembe, Jacinto Txissoka, entrevistado em 25/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome simples 4ª Classe.

Variante gráfica: Txicapa, Tchicapa, Tsicapa, Tshicapa, Txikapa,

Gentílico: Cikapense.

Proposta de grafia: Cikapha, Cikapa⁴⁷.

⁴⁷ Cf. Bastin (2010: 23). Provavelmente este bairro vem a existir desde há muito tempo. Sabe-se que o rio do qual deriva o nome está mencionado na história oral e escrita há séculos, como tendo sido por meio

Transcrição fonética: [tʃika'pʰɐ].

Ficha Toponímica 9

- Topónimo: Sambuquila.

Transcrição fonética: [samɓu'kilɐ].

Ano de criação: 1949.

Taxonomia: Animotopónimo.

Etimologia/origem: Do Cokwe, *Sambukila*, nome que significa alegria, felicidade, boa disposição. Este bairro foi assim nomeado por causa da boa disposição, irmandade e atenção dos seus habitantes que não mediam esforços para sorrirem e ajudarem-se uns aos outros quer fossem habitantes do locais ou não. Nos primeiros anos da sua fundação chamou-se Santo António por causa da Congregação Franciscana existente no bairro (fonte: soba Pedro Miguel, em 18/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome simples, 13ª Classe.

Variante gráfica: Sambukila.

Gentílico: sambuquilense.

Proposta de grafia: Sambukila.

Transcrição fonética: [samɓu'kilɐ].

Ficha Toponímica 10

- Topónimo: Txizainga.

Transcrição fonética: [tʃizai'ŋgɐ].

Ano de criação: 1987.

Taxonomia: Historiotopónimo.

Etimologia/origem: o nome foi dado em memória ao Tenente General Celestino Bernardo (Txizainga) combatente das FAPLAS que deu o melhor de si durante a luta de

dele que os Cokwe guiaram-se para encontrar novos destinos. Não se sabe porém, quantas vezes terá sido reconstruído o bairro criado pelos tucokwe que vivem ao longo do seu curso. Sabe-se que a data acima apresentada corresponde ao ano de criação da “última versão” do bairro que permanece até hoje.

libertação nacional nos confrontos de 1974 na região Leste quando se intensificava a luta para a Independência de Angola. A área que agora constitui o bairro foi um dos campos de batalha, onde o Tenente General perdeu um dos membros superiores em consequência de um ataque perpetrado às forças coloniais portuguesas (soba Celestino Wasesa, entrevistado em 20/08/2014). Segundo outra fonte, antes da fixação do colono em Saurimo, o bairro chamava-se *Cingulunga*, passando a chamar-se Santa Isabel com a fixação portuguesa em Saurimo (Soba Augusto Salumbo, em 20/08/2014).

Estrutura morfológica: Nome simples, 4ª Classe.

Variante gráfica: Tchizainga, Chizainga.

Gentílico: cizaingense.

Proposta de grafia: Cizainga.

Transcrição fonética: [tʃizai'ŋgɐ].

As etimologias ou significados dos topónimos apresentados foram determinadas pelos nativos que compreendem as motivações dos nomes em contextos locais contudo, a proposta dos gentílicos apresentados está em português; se for para serem determinados na língua de origem (LC) estes devem ser compostos com o prefixo de proveniência (*akwa*) seguido do topónimo.

Exemplo: *Akwa Saulimbo* – os de Saurimo.

A transcrição fonética e a proposta de grafia obedecem aos caracteres do alfabeto da LC (para os nomes naquela língua) e aos traços da fonética portuguesa (para os topónimos em português).

Dos 35 (trinta e cinco) topónimos analisados que constituem a base do nosso estudo, quanto à taxonomia e origem, 14 (catorze) são de Natureza Física e 21 (vinte e um) de Natureza Antropo-cultural, sendo 6 (seis) em Português e 29 (vinte e nove) em LC.

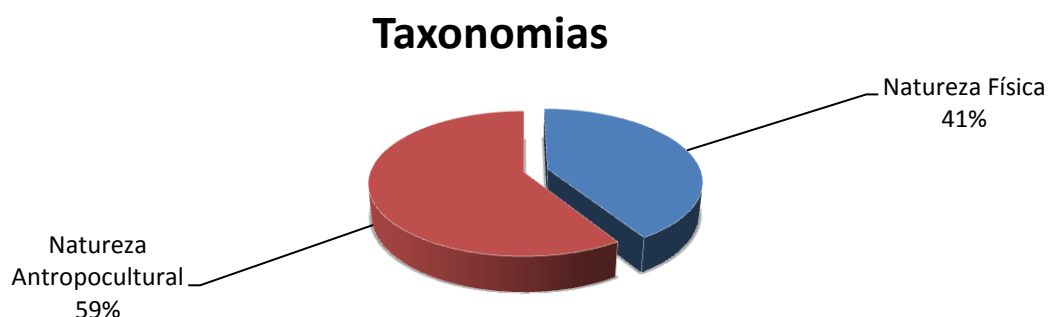


Fig. 5 – Divisão dos topónimos.

A predominância de topónimos de Natureza antro-po-cultural em detrimento dos topónimos de Natureza Física pode ser explicada pelo facto dos denominadores *Tucokwe* serem motivados por factores e acontecimentos do meio social ou cultural no momento da criação dos nomes, visto que para estes denominadores a motivação toponímica pode partir do mais simples ao mais caricato acontecimento, pode até ser uma piada que origine o nome.

A maioria dos topónimos de Natureza Física reflecte a realidade do meio que circunda os denominadores, às manifestações relevantes da natureza que se reflectiram no contacto com o denominador na sua aspiração por eternizar essas manifestações fazendo dela parte da sua vivência.

Topónimos

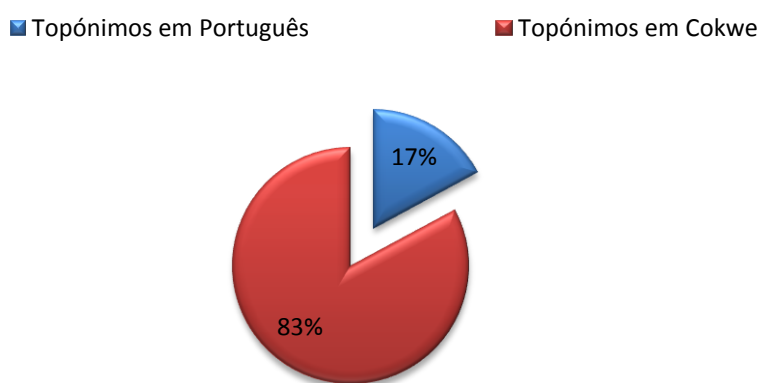


Fig. 6 – Percentagem de topónimos analisados em Português e em Cokwe.

A maioria dos topónimos em português realça aspectos externos à região ligados à luta para a independência que viveu o país, aos factos ou líderes que marcaram os acontecimentos que levaram à independência de Angola. A língua motivadora da maioria dos outros topónimos da província é o *Cokwe*, facto que eleva a predominância dos topónimos encontrados.

Tabela 7 – Quantificação dos topónimos analisados.

Topónimos	Topónimos recolhidos	Topónimos analisados	Topónimos transformados	Topónimos substituídos	Top. com variação gráfica
Topónimos em Português	10	06	00	04	01
Topónimos em Cokwe	90	29	04	05	24
Total	100	35	04	09	25

No grupo dos topónimos analisados verificamos a existência de 04 (quatro) topónimos em Português (Saurimo, Acampamento, Av. 4 de Fevereiro e Passa Bem) que foram substituídos respectivamente de *Saulimbo*, *Kangondo*, Av. Governador S. Cisnero e *Sakandjindji*. Encontramos simplesmente 01 topónimo em Português (Passa Bem) que apresenta variação de grafia.

Em Cokwe encontramos 04 (quatro) topónimos transformados (*Saulimbo*, *Sassamba*, *Mona Quimbundo* e *Chicapa*) e 05 topónimos substituídos (Terra nova por *Kawazanga*, Santo António por *Sambuquila*, Santa Isabel por *Txizainga*, *Sakhombe* por *Nzaji* e *Nguali* por *Caluya-Nguali*).

E finalmente temos 25 topónimos entre todos os analisados que não obedecem à regra do alfabeto da língua Cokwe.

Os valores apresentados acima levam-nos a concluir que a maioria dos topónimos analisados tem como motivação aspectos do meio natural que circundam os contextos locais do povo *Cokwe*, actividades sociais destes, alguns acontecimentos sociais relacionados com o ambiente e vida dos denominadores ou simplesmente nomes de piadas, dados aos elementos motivadores.

Os microtopónimos do município de Saurimo caracterizam-se por substituições e transformações, processos de mudança toponímica apresentadas por DAUZAT (1926, citado por MELO, 2012: 13).

As substituições, nesse caso específico, consistiram em trocar um topónimo por outro (resultados da existência de várias dificuldades a nível da fonética ou fonologia ou simplesmente por imposição das autoridades ou por conveniência dos munícipes) sendo que o novo carrega consigo a identidade e a memória do topónimo⁴⁸ antigo.

As transformações ocorreram quando se mudou a forma gráfica ou fónica de um topónimo, em resultado do uso do topónimo numa outra língua, ou num estado da língua para outro ou causado por alterações gráficas ou fonéticas na língua.

⁴⁸ Podem-se ter como exemplos desse caso as substituições que sofreram por um tempo os bairros *Txizainga* (Santa Isabel), *Kawazanga* (Terra Nova), *Sambuquila* (Santo António) e o próprio o próprio município de Saurimo.

3.5 Base de dados dos topónimos.

Criamos uma base de dados toponímica com a lista de todos os topónimos usados no presente trabalho, classificados com base nas variáveis de análise apresentadas acima nas fichas toponímicas.

Os topónimos analisados e apresentados abaixo foram retirados de listas nos nomes de bairros pertencentes à Administração Municipal de Saurimo, listas pertencentes à documentação do Ministério da Administração do Território sobre as povoações classificadas e em alguns documentos provenientes das direcções provinciais da Cultura e Educação da Lunda – Sul.

Toponímia AO (1) - Microsoft Excel									
Ferramentas de Tabela									
Base Inserir Esquema de Página Fórmulas Dados Rever Ver Estrutura									
Times New Rom 12 A A									
Área de Transferência									
Tipo de Letra									
Alinhamento									
Número									
Estilos									
Formatação Condicional									
Formatar como Tabela									
Estilos de Célula									
Inserir Eliminar Formatar									
Células									
Soma Automática									
Preenchimento									
Ordenar Localizar e Filtrar									
Selecionar Edição									
I3									
Topónimo proveniente do Cokwe, Sa Urímbo (Sa ulímbo), nome composto pelo prefixo paternal Sa e pelo nome de classe abstrata Urímbo (ou ulímbo). Sa Urímbo era um dos									
Língua	Topónimo	Transcrição Fonética	Variante gráfica	Proposta de grafia	transcrição fonética	Definição, origem, Etimologia, motivação	Ano de fundação	Taxonomia	Gentílico
9 Cokwe	Chicapa	[ʃi'kape]	Tchicapa, Txicapa	Cikapha, Cikapa	[ʃika'p'e]	Bantu; do Cokwe, <i>Cikapha</i> . O rio era assim chamado porque tinha muitos crocodilos que comiam muitas pessoas; ora, o verbo certo descrever a forma dos crocodilos surpreender as pessoas em Cokwe é <i>ku kapha</i> (ou <i>ku kaphula</i>), ficando o substantivo masculino singular <i>cikapha</i> , dada a forma como as pessoas eram vitimadas por crocodilos nesse rio. o nome	1964	Zootopónimo/Hidroto	Cikapense
10 Cokwe	Kazembe	[ka'zembɛ]	cakembe	Kazembe	[ka'zembɛ]		antes de 1800	Antropotopónimo	kazembino
11 Cokwe	Catoca	[ke'toke]		Catoca, Katoka	[ke'toke]	O topónimo vem do verbo Cokwe "kutoca" (perd entre 1920 e 1930		Sociotopónimo	mineirense
12 Português	Agostinho Neto	[dow'toregu/tjunctu]		Agostinho Neto		O bairro foi assim chamado em memória ao pri	1978	Antropotopónimo	
13 Cokwe	Sassamba	[se'sambe]	Sa Wassamba	Sassamba, Sa Wassar	[sawa'sambe]	Nome proveniente de um centro onde se concentravam		Antropotopónimo	sassambenses
14 Português	Acapamento	[akãpe'mêtu]		Acapamento	[akãpe'mêtu]	Antes da sua criação, o centro desse bairro era o local onde se enc		Sociotopónimo	campanários
15 Cokwe	Camitundo	[kam'i'tundu]		Kamithundvo	[kam'i'tundu]	Antes da criação do bairro, abundava nesta ár	1977	Fitotopónimo	kamitundenses
16 Cokwe	Chicumina	[ʃiku'mine]	Tchicumina, Txicum	Cikumina	[ʃiku'mine]	Existe uma cerâmica que produz tijolos para a i	1930	Sociotopónimo	cikuminese
17 Cokwe	Kawazanga	[kawa'zange]	Cauazanga	Kawazanga	[kawa'zange]	Wazanga em Cokwe significa literalmente "se q	1950	Animotopónimo	kawazangenses
18 Cokwe	Nzaji	[nʒaʒi]		Nzaji	[nʒaʒi]		1978	Corotopónimos	zarenses
19 Cokwe	Sacombe	[sa'kɔmbɛ]		Sa Khombe	[sa'kɔmbɛ]	Em Cokwe, "khombe" ou "cikhombe" significa br	1965	Antropotopónimo	sakhombinhos
20 Cokwe	Txizainga	[ʃiza'i'nge]	Tchizainga, Chizain	Cizayinga	[ʃiza'i'nge]	O nome foi dado em memória ao Tenente Gener	1987	Historiotopónimo	cizaigense
21 Português	Verde	[verdi]		Verde	[verdi]	Nome dado ao bairro por existir, no momento d	1982	Fitotopónimo	verdinós, verdense
22 Cokwe	Sapopo	[sa'popo]		Sa phopho	[sa'p'op'o]	O topónimo provém de uma alcunha dada à po	1950	Antropotopónimo	Saphophos
23 Cokwe	Muachamba	[mwa'ʃambe]		Mwacamba	[mwa'ʃambe]	Este nome, tal como outros que começam com c	1968	Antropotopónimo	muacambas
24 Cokwe	Sameneca	[sa'meneke]		Sa Meneka	[sa'meneke]	Havia num bairro um soba que passava todos os dias nas casas di		Antropotopónimo	samenekas
25 Cokwe	Sombo	[sɔmbɔ]		Sombo	[sɔmbɔ]	Nome dado por abundar na comuna uma árvore que produz um fru		Fitotopónimo	
26 Cokwe	Kaluia-Nguali	[ka'luya'ngwati]		Kaluya Ngwali	[ka'luya'ngwati]	o nome provém de um rio que estava nas proxim	1963	Hidrotopónimo	ngualis
27 Cokwe	Kaliwe	[ka'liwe]		Kaliwe	[ka'liwe]			Litotopónimo	kaliwes
28 Cokwe	Mona Quimbundo	[monakimbundu]	Mona-Kimbundo, N	Mwa Cimbundvu	[mwætʃi'nbundvu]	Mona Quimbundo é uma das comunas do muni	antes de 1800	Etnotopónimo	Tximbundus
29 Cokwe	Luachino	[lwa'ʃimu]		Luaximo	[lwa'ʃimu]	Um dos maiores rios da provincia.		Hidrotopónimo	
30 Cokwe	Mwangeji	[mwa'ngɛʒi]		Mwangeji	[mwa'ngɛʒi]	Mwangeji é um dos rios mais próximos à cidade. Literalmente, em		Hidrotopónimo	

Fig. 7 – Base de dados dos topónimos.

3.6 Harmonização da grafia dos topónimos.

Quando se propõe estudar a cultura de um povo, é necessário, antes de tudo, o estudo da língua deste povo pois é o meio pelo qual se transmite as motivações, as ideias, os ritos e costumes, os nomes desse povo.

A harmonização da grafia dos topónimos tem por fim fixar a escrita correcta dos topónimos com base na fonologia da língua de origem, com maior incidência nos topónimos adaptados e substituídos, sem esquecer aqueles que mesmo estando escritos nas línguas de origem têm uma grafia não uniforme, de formas a conformar a escrita dos topónimos com a fonologia da língua de origem e a motivação que há em cada topónimo.

Os estudos em toponímia podem ser pautados por diferentes linhas de análises já que os topónimos podem ser analisados sob o ponto de vista Onomástico (como uma subárea da Onomástica), do ponto de vista Lexicológico/Lexicográfico (como unidades lexicais que nomeiam os acidentes geográficos) ou do ponto de vista Terminológico (como um termo de uma área de nomeação) (cf. SIQUEIRA, 2011:191).

É nas análises etimológica, morfológica e sintáctica, subáreas de análises Onomástica e Lexicológica que se mantém o nosso foco.

O estudo linguístico de escrita dos topónimos ajuda a redescobrir as motivações, as etimologias, as alterações e as substituições que os nomes foram sofrendo assim como os factores que originaram essas modificações aliados à recuperação dos traços e sentidos fundamentais da língua falada na região.

As línguas têm diferentes particularidades e características e estas podem, em situações especiais, permitir a adaptação ou tradução dos nomes para uma maior compreensão e pronúncia, evitando “acidentes fonéticos” que podem ocorrer pela não normalização dos topónimos.

O protocolo modificativo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 prevê nos seus artigos 1º e 2º o alfabeto dos nomes próprios e estrangeiros e seus derivados; no artigo 2º prevê-se o uso das letras *k*, *w*, e *y* nos topónimos de outras línguas e seus derivados, dando como exemplos: *Kwanza*, *Kuwait*, *kuwaitiano*; *Malawi*, *malawiano*;

No artigo 6º do mesmo acordo “recomenda-se que os topónimos de língua estrangeira sejam substituídos, tanto quanto possível, por formas vernáculas” se estas entrarem no uso corrente da língua. Exemplo: em vez de *England*, substituir por Inglaterra; em vez de *Cote D'Ivoire*, substituir por Costa do Marfim; em vez de *USA*, substituir por Estados Unidos da América.

A análise acima faz referência à Teoria do Bilinguismo Assimétrico (DICK, 2006:95) segundo a qual os topónimos podem ter duas formas gráficas, uma “original”, na língua de origem e outra “supletiva” se tiver incidência e uso corrente numa outra língua, sendo por isso traduzido e usado de forma aproximada nessa língua.

Na teoria do bilinguismo assimétrico os topónimos podem obedecer a regras morfológicas e fonológicas das duas línguas em que são escritos, de forma a evitar possíveis “acidentes fonéticos” na sua percepção em cada uma delas.

Ao analisar essa teoria encaramos os empréstimos que as Línguas Bantu de Angola vêm cedendo ao Português; verificamos a escrita dos topónimos que vão entrando cada vez mais no Português corrente, ora por substituição, ora pela sua forma originária.

No Português de Angola, os topónimos são actualmente escritos tendo em atenção as regras preceituadas no Acordo Ortográfico de 1990 relativo à grafia dos topónimos, incluindo o consagrado na Constituição, Lei e Decreto-lei e despachos provinciais, obedecendo aos traços fonológicos do Português e das línguas locais.

Alguns topónimos aproximam-se das suas etimologias e das suas identidades mas pecam por terem sido substituídos por traços morfossemânticos do Português, retirando deles a sua identidade. Apesar disso (e como a memória do topónimo, maior parte das vezes é oral), os denominadores do topónimo (ou os seus descendentes) continuam a insistir na pronúncia correcta do topónimo com esperanças de que um dia, se transforme e se devolva a etimologia correcta ao referido topónimo.

Nas Línguas de Angola, como consagrado na Constituição da República de Angola (art.º. 19), a grafia dos topónimos deveria estar de acordo com as regras morfológicas e fonéticas consagradas no acervo gramatical de cada língua, tendo em conta as particularidades de construção consonântica de cada língua pois “cada língua tem as suas variações fonológicas e morfológicas” (ANDRADE, 2007).

Os factores de variação gráfica dos topónimos encontram-se na representação de alguns grafemas como <c>, <l>, <mb>, <nd>, <ng>, <q>, <r>, <s> e as semivogais em concordância com a representação fonológica desses grafemas.

Espera-se que haja uma Lei, actual, que possa defender e proteger “o legado” das Línguas de Angola conferindo legitimidades para a sua afirmação e a criação de critérios para a uniformização dos topónimos em todo o país.

3.7 Princípios para a harmonização da grafia dos topónimos.

Os princípios a seguir são usados simplesmente para harmonizar a escrita de topónimos na Língua *Cokwe*, já que as variantes gráficas dos topónimos em Angola são diferentes em cada língua e em cada região.

- O grafema <c> deve corresponder ao fonema [tʃ] e todos os topónimos que incluem na sua pronúncia o fonema [tʃ] devem ser escritos com <c>, visto esse grafema corresponder nas Línguas Bantu, em especial nas Línguas Bantu de Angola, ao som acima apresentado e deve substituir as combinações <ch>, <tx>, <tsh>, <tch> usadas para algumas palavras na LC.

Exemplos: Cokwe [tʃokwe]; Cuma [tʃumɐ] = coisa.

- O grafema <h> corresponde sempre a um som aspirado quer esteja no início ou no meio do topónimo ou esteja associado a uma consoante.

Exemplos: kaphela [kap^he'le] = cobra; helu [he'lu] = em cima.

- O fonema [k] deve sempre corresponder ao grafema <k>.

Exemplos: kanuke [ka'nuke] = criança;

- Os topónimos que começam com as combinações <mb>, <nd> e <ng> são sempre nasais; devem por isso ser escritos com o grafema que mantém a nasalidade a fim de se manter a etimologia e os traços fonéticos e gráficos desses topónimos nas Línguas de Angola não se devendo para isso ignorar-se as primeiras consoantes necessárias para a nasalização do Topónimo.

Exemplos: Mbunge [ŋbu'ŋge] = coração; mutondo [mu'toŋdo] = árvore; ngunga [ŋgu'ŋga]

- Os grafemas <q> e <qu> não têm realização gráfica na LC, sendo substituídos por <k>.

Exemplo: Sambukila em vez de Sambuquila.

- O som [r] e a sua forma gráfica também não se realizam.

- O grafema <s> tem o som [s] e não deve ser duplicado como acontece em português ou em outras línguas.

Exemplos: Uswale (pobreza); usoko (parente); sesa (margem).

- O grafema <w> pode funcionar também como semivogal na combinação com uma consoante e uma vogal e pode ser usado para criar um falso ditongo.

Exemplos: mwalwa (sol); kupwa (o verbo ser).

- <X> tem o valor fonético de [ʃ] e é usado para grafar todas as palavras que contenham esse som.

Exemplos: xima [ʃima] = funge; Cixete [tʃiʃete] = tonturas, vertigens.

- O som [z] deve ser sempre escrito com <z> em qualquer realização que este som se encontre, evitando-se a escrita com /s/ entre vogais, como acontece em português.

Exemplos: cize [tʃize] = aquilo; mukuza [mukuza] = raposa.

- A combinação <ng> corresponde ao som [ŋg], enquanto o som [ŋ] corresponde ao grafema <ny>, devendo-se evitar o grafema <nh> para este som.

Exemplos: nganga [ŋga'ŋga] = feiticeiro; sanya [sa'ŋa] = percevejo; nyima [ni'ma] = atrás, as costas.

- As combinações <mb>, <nd> e <nz> devem ser escritas com os fonemas [mb], [nd] e [nz] mantendo as iniciais para conservar a nasalidade.

- Os topónimos com sons aspirados em qualquer sílaba devem ser escritos com <h> nessa sílaba combinada entre uma consoante e uma vogal ou entre vogais para manter o som aspirado, em vez de se eliminar esse grafema.

Exemplos: *Kaphenda Kamulemba* em vez de *Kapenda Kamulemba*;

Mukhonda em vez de *Muconda*.

- Os topónimos que se apresentam escritos com [k] devem ser escritos com letra <k> em vez de serem escritos com <C>.

- Deve-se manter a união entre os prefixos e os topónimos que os procedem, excepto nos casos de antropotopónimos quando os prefixos em causa sejam títulos de soberania ou paternidade (como Xa ou Sa).

Exemplos: *Sa Ulimbo* em vez de *Saulimbo*;

Sa Mutopha em vez de *Samutopha*;

Xa Muteba em vez de *Xamuteba*.

Em geral, a grafia dos topónimos deve obedecer as regras morfológicas, fonéticas e fonológicas de cada língua e de cada região.

- Ao harmonizarem-se os topónimos deve-se usar o sistema de escrita por tons a fim de evitar possíveis dúvidas e omissões no campo fonológico resultantes da pronúncia dos topónimos.

Quanto aos topónimos substituídos ou transformados⁴⁹ recomendamos adoptar-se um dos seguintes passos:

➤ Que se mude a grafia dos topónimos substituídos ou transformados, da língua Portuguesa para as Línguas de Angola, passando a preservar a etimologia e a identidade cultural que esses topónimos representam nas línguas em que estes se encontram grafados.

➤ Que se mantenha a grafia existente dos actuais topónimos e que se criem duas variantes toponímicas, a variante existente em português e uma outra na língua de origem do topónimo, mantendo duas formas grafadas e usadas tanto na realidade das Línguas de Angola em que são escritos os topónimos como na Língua Portuguesa, conservando assim o bilinguismo assimétrico e os traços culturais identitários do topónimo.

➤ Manter com grafia portuguesa os macro topónimos (topónimos relativos a denominação das províncias e suas capitais) e harmonizar/modificar os microtopónimos que não se encontram escritos na Língua Portuguesa.

➤ Que se reconheçam e se nomeiem oficialmente, pelos governos locais, os topónimos que foram grafados por populares (bairros, ruas e outros que não se encontram nomeados de forma harmonizada e classificada), a fim de se eliminarem as variações gráficas.

⁴⁹ Durante o processo da colonização, o poder colonial decretou (Decreto-Lei nº 47678 de 5/5/67) que nas colónias todos os nomes deviam ser portugueses e se não fossem deviam ser traduzidos ou adaptados gráfica e foneticamente à Língua portuguesa de formas a não criarem dúvidas. (Cf. Onomástica Ultramarina, 1968).

➤ Apoiando-se na recomendação anterior propomos que se nomeiem e renomeiem as avenidas e ruas, homenageando figuras históricas angolanas, em especial figuras do Antigo Distrito da Lunda já esquecidas, das quais citamos: o Rei *Mwacisenge wa Tembo*, a rainha *Lweji a Konde*, os príncipes *Cinguli* e *Cinhama*, *Khelendende* ou *Mwene Luxiko*, *Nakaphamba*, entre outros.

Recomendamos que se criem Departamentos Regionais Toponímicos que versem sobre assuntos relacionados com o estudo das toponímias regionais nas diferentes línguas que se apresentam tendo atenção aos aspectos motivadores dos topónimos e a grafia nas línguas que se apresentam.

Recomendamos também que se criem meios de difusão dos topónimos, tais como Dicionários Onomásticos em cada região e Dicionários Geográficos, de formas que os cidadãos possam conhecer a a grafia dos topónimos e as motivações históricas que estão por detrás de cada nome geográfico.

espaços televisivos, painéis luminosos nos cruzamentos de ruas, entrada de bairros e proximidades de rios, de forma que estes chamem atenção as pessoas para a escrita e pronúncia correcta do nome desses lugares em harmonia com a fonologia da língua local.

Conclusão

O estudo da toponímia reconhece no léxico da língua um meio para interagir, nomear, agrupar, seleccionar e categorizar os nomes das pessoas, dos lugares, rios e acontecimentos históricos, testemunhados por uma sociedade.

É no léxico corrente que a toponímia encontra formas de realização pois, é a partir deste que um grupo social pensa em nomear e sobrevalorizar todos os acidentes que se encontram à sua volta.

No processo de nomeação ou interacção entre línguas ou culturas, podem-se criar “processos de importações” de diferentes valores, de várias categorias, de vários níveis, cabendo à cultura importadora decidir aceitar ou não as mudanças criadas por esses valores.

Os topónimos analisados estão ligados a factores linguísticos, culturais e temporais, visto ter sido transformada a sua grafia ou substituídos por outros, perdendo com isso a sua identidade cultural.

Os topónimos de Saurimo expressam a vontade e a história do denominador e referem-se a aspectos do meio circundante do *kacokwe* e das suas histórias do dia-a-dia.

A maioria dos topónimos do Município de Saurimo está exprimida na língua *Cokwe* (*ucokwe*). Há topónimos expressos também na língua Portuguesa, assim como há alguns que estão nas línguas *Kimbundu* e *Lwena*.

Apresentam variações gráficas, consequências da falta de critérios que harmonizem a sua grafia, criando muitas vezes vazios linguísticos e culturais quando se pretende comparar a grafia do nome com a sua pronúncia e origem.

A falta de Dicionários Onomásticos específicos que apresentem o topónimo, a sua etimologia, pronúncia e grafia e algumas informações de carácter histórico-cultural é outro factor que contribui para a existência de variações a nível da grafia dos topónimos.

Outra causa principal de variação gráfica é o contacto entre a língua *Ucokwe* com o português e outras línguas angolanas deixando o falante numa incerteza em relação à grafia que deve empregar ao escrever os topónimos.

As hipóteses elaboradas no início do estudo foram todas confirmadas, havendo necessidade de se criarem mecanismos para critérios para a atribuição dos nomes de

lugares, seguindo as regras estruturais de formação de palavras nas línguas em que o topónimo estiver apresentado, assim como criarem-se mecanismos de divulgação dos topónimos, a fim de se evitarem ambiguidades na escrita e pronúncia dos topónimos angolanos.

A ausência de alguns dados relativos a data de criação de alguns topónimos e a motivação de outros levou a não classificarmos exaustivamente todos os topónimos o que pode ter gerado uma pequena lacuna na apresentação de alguns resultados.

Não pretendemos com o presente estudo apresentar um modelo perfeito de classificação toponímica ou solucionar todas as inquietações relativas à grafia que os topónimos do município de Saurimo podem apresentar mas criar princípios de análise para que futuros trabalhos nessa vertente possam melhorar aspectos e métodos em falta nesse estudo.

Pretendemos com este trabalho ajudar as autoridades competentes no sentido de criarem Leis e Decretos próprios que possam aprofundar a harmonização da grafia dos nomes das localidades existentes na Divisão Político-Administrativa de Angola de formas que estes possam reproduzir o verdadeiro significado, os aspectos etnolinguísticos e culturais por trás dos denominadores, dando aos topónimos, aos seus denominadores, às línguas e às culturas em que se inserem o valor correspondente com vista a preservação da Identidade Cultural do povo angolano e das Línguas de Angola.

Bibliografia Geral

AEBISCHER, Paul (1948) *Estudos de toponímia y lexicografía románica*, Barcelona, Escuela de Filología.

ALMEIDA, António de (1974) *Da Onomástica-Tabu no Timor Português-Antropónimos e geónimos*, Lisboa, IAC. Vol. III.

ALMEIDA, Fortunato (1928) *Nomenclatura geográfica: subsídios para a restauração da toponímia em Língua Portuguesa*, Coimbra, Edições Fortunato de Almeida. 2ª Edição.

ALVES, Ieda Maria (2010) *Lexicologia – Uma entrevista com Ieda Maria Alves*, São Paulo, ReVEL. Vol. 9, n. 17. Pps. 430-442.

ALVES, Ieda Maria (2010) *Neologia e Neologismos em diferentes perspectiva*, São Paulo, Paulistana Editora.

ALVES, Ieda Maria (1990) *Neologismo. Criação lexical*, São Paulo, Ática. 1ª Edição.

ANDRADE, Ernesto d' (2007) *Línguas africanas: breve introdução à Fonologia e à Morfologia*, Lisboa, Editora A. Santos. 1ª Edição.

ANDRADE, Ernesto d' (1975) “Ordem das regras fonológicas: línguas de Angola e Moçambique”, Lisboa, in *Boletim de Filologia XXIV*, pp 13-32.

AZEVEDO, Mário (2011) *Teses, Relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita*, Lisboa, Universidade Católica Editora. 8ª Edição.

BARDIN, Laurence (2014) *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70, 4ª Ed.

BARROS, Lídia Almeida & ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) (2010) *O Léxico em Foco: múltiplos olhares*, São Paulo, Cultura Académica.

BARROS, Armando A. (1953) “Os quiocos do Moxico. Estudo Etnográfico”, Porto, *Anais do Instituto de Medicina Tropical*.

BASTIN, Marie-Louise (2010) *Arte Decorativa Cokwe*, Coimbra, Museu Antropológico da Universidade. Vol. I. Trad. Pedro Serras Pereira.

BECHARA, Evanildo (1928) *Moderna Gramatica Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 37ª Edição.

BELL, Judith (2010) *Como Realizar um Projeto de Investigação*, Lisboa, Gradivas Publicações, S. A. 5ª Edição.

BIDERMAN, Maria T. C. (2002) *Terminologia e Lexicografia*, Tradterm, São Paulo, p. 153-181.

CAMEIA, Domingas T. D. (2013) *Desenvolvimento da competência Lexical na aprendizagem da Língua portuguesa, um estudo com alunos angolanos*, Mestrado em Desenvolvimento e Perturbação da Linguagem na criança – área de Especialização em Educação e Ensino da Língua, no Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Saúde.

CARVALHINHOS, Patrícia de J. (2009) “Intersecções línguo-culturais na onomástica: a questão religiosa” In: MAGALHÃES, José Sueli de, TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (Org.) *Múltiplas Perspectivas em Linguística*. Uberlândia - MG: Edufu - Editora da Universidade Federal de Uberlândia, v. 1, p. 2463-2471.

CARVALHINHOS, Patrícia de J. (2007) “Variantes lexicais na toponímia portuguesa: os elementos genéricos (entidades geográficas) denominados - estudo de caso: diferenças terminológicas entre português do Brasil e português Europeu” In: *XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, 2009, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF - Léxico e Semântica*. Rio de Janeiro: Cifefil, 2007. v. XI. p. 177-194.

CARVALHO, Augusto de Noronha (1975) *Henrique de Carvalho: uma vida ao serviço da pátria*, Lisboa, Liga dos combatentes.

CARVALHO, Henriques Augusto Dias de (1890) *Methodo pratico para fallar a lingua da Lunda*, Lisboa, Imprensa Nacional.

CASTRO, Yeda Pessoa de (2005) *Falares Africanos na Bahia*, Rio de Janeiro, Topbooks. 2ª Edição.

CHICUNA, Alexandre Mavungo (2009) *Tratamento Lexicográfico dos portuguesismos em Kiyombe*, Lisboa, Tese de Doutoramento em Linguística (lexicologia), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

CHICUNA, Alexandre Mavungo (2003) *Léxico Português-Kiyombe do Corpo Humano: particularidades dos morfemas flexionais*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em Linguística, área de Especialização em Lexicologia e Lexicografia, Departamento de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

CHIVINGA, António Ngula (2014) *Que futuro para as Línguas Nacionais Angolanas? Ensaio sobre as Políticas de Protecção e Valorização das Línguas Nacionais Angolanas*, Luanda, Centr`Artes.

COHEN, M. A. A.M. (2006) “A toponímia Mineira: o caso de Macabelo”, São Paulo, in *o Léxico em Estudo*, Belo Horizonte. pp. 77-89.

CORRÊA, António Mendes (1949) *Ultramar Português: Síntese da África*, Porto, Agencia Geral das colónias, Vol. I.

CORREIA, Margarida; LEMOS, Lúcia S. P. (2005) *Inovação Lexical em Português*, Lisboa, Edições Colibri.

COUTINHO, Clara Pereira (2014) *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*, Coimbra, Almedina. 2ª Edição.

CRUZ, José Ribeiro (1940) *Geografia de Angola*, Lisboa, Sociedade Industrial de Tipografia Lda.

CUCHE, Denys (2006) *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim de Século – Edições. 3ª Edição. Tradução de Miguel Serras Pereira.

DICK, M. V. de P. do A. (2007) *Atlas toponímico do Brasil: teoria e prática II*, Paraná, UNIOESTE in Revista Trama, v. 3, nº 5, pp 141-155.

DICK, M. V. P. A. (2001) “O Sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência” in: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecido Negri (Orgs.), *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, São Paulo, UFMS, Vol. II, pp. 79-90. 2ª Edição.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1996) *A dinâmica dos nomes na Cidade de São Paulo*, São Paulo, Annablume.

DICK, M. V. de P. do A. (1992) *Toponímia e Antroponímia do Brasil*, Colectânea de Estudos, São Paulo, Gráfica da FLCH/USP.

DICK, M. V. de P. do A. (1990) *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, São Paulo.

DICK, Maria V. de P. do A. (1988) *Toponímia e Cultura*, São Paulo, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, v. 26, pp. 83-92.

EDELWEISS, Frederico (1948) *A suposta inviabilidade dos gentílicos*, Bahia.

FERNANDES, Ivo Xavier (1943) *Topónimos e Gentílicos*, Porto, Editora Educação Nacional. Vol. II.

FERNANDES, João e Zavoni NTONDO (2002) *Angola: Povos e Línguas*, Luanda, Editorial Nzila. 1ª Edição.

FERRAZ, Aderlande P. (2006) “A Inovação Lexical e a dimensão social da língua”, São Paulo, in *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, pp. 217-234.

FONTINHA, Mário e Acácio VIDEIRA (1963) *Cabeças gravadas da Lunda: subsídios para a história arqueológica e etnográfica dos povos da Lunda*, Lisboa, Publicações Culturais da Diamang.

FORTIN, M-F e FILION, J. F. (2009) *Fundamentos e etapas do processo de investigação*, Loures, LUSODIDACTA. Trad. Nídia Salgueiro.

GENOUVRIER, Emile Jean PEYTARD (1974) *Linguística e Ensino do Português*, Coimbra, Livraria Almedina.

GUTHRIE, Malcolm (1970) *The Status of Radical Extensions in Bantu*, London, Gregg International Publishes in collected papers on Bantu linguistics, p. 91-110.
HALLIDAY, M. A. K.; TEUBERT, Wolfgang; YALLOP, Colin; ČERMÁKOVÁ, Ana (2004) *Lexicology and Corpus Linguistics*, London/New York, Continuum.

ISQUERDO, Aparecida N. DARGEL, A. P. P. (2014) “Hidronímia e toponímia: interinfluências entre meio ambiente e história” In: Aparecida Negri ISQUERDO, Giselle O. M. CORNO. (Orgs.) *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, São Paulo, UFMS, Vol. VII, p. 63-80. 1ª Edição.

ISQUERDO, Aparecida Negri (2009) “O Caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras” In RIBEIRO, Silvana S. C. *et ali* (orgs.) *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*, Salvador, EDUFBA, p. 42-59.

ISQUERDO, Aparecida Negri & ALVES, Ieda Maria (orgs.) (2007) *As Ciências do Léxico. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, São Paulo, Editorial Humanitas. Vol. III. 1ª Edição.

ISQUERDO, Aparecida Negri (2006) “De Laguna de los Xarayes a Pantanal: mito e realidade impressos na Toponímia” In: Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA. (Org.), *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, p. 119-135.

KRIEGER, Maria da G. (2006) “Lexicografia: o léxico no dicionário” in *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, pp. 157-171.

KUKANDA, Vatomene (1986) *Notas de Introdução à linguística Bantu*, Lubango, Centro de Documentação e Informação.

LEBRE, António (1934) *Costumes Gentílicos dos povos além Cunene*, Porto, Imprensa portuguesa.

LEHMANN, Alise, MARTIN-BERTHET, Françoise (1998) *Introduction à la Lexicologie: Semantique et morphologie*, Paris, Nathan univerty.

LIMA, Emanoela C. (2011) “Nomes de possível origem africana na toponímia de Minas Gerais: pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa toponímica”, Rio de Janeiro, *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, nº 5, pp. 2075-2095.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (em col.) CHICUMA, Alexandre; GRÔS, Ana Pita e MEDINA, Daniel (2010) Neologia, Terminologia e Lexicultura. “A língua Portuguesa em situação contacto de línguas”, São Paulo, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, Nº 12 (2).

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (1984) “Análise léxico-semântica”, *Letras Soltas* 2, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca (1979) “Importância de uma Lexicologia contrastiva”, *Letras Soltas* 1, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

MAHO, Jouni (2001) “The Bantu Area (towards clearing up) a mess”, in *Africa and Asia*. nº 1, Göteborg, pp 40-49.

MANASSA, João Abreu (2014) *Lunda – História e Sociedade*, Luanda, Produções Gráficas, Lda, Camarate, 2ª Edição.

MARTINET, André (1973) *Elementos de Linguística Geral*, Lisboa, Livraria SÁ DA COSTA.

MARTINS, Evandro S. (2006) “Léxico e etimologia: a propósito de alguns vocábulos usados em Localidades Norte Mineiras” in *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, p. 31-41.

MARTINS, João Vicente (2001) *Os Tutchokwe do Nordeste de Angola*, Lisboa, Edição do Ministério da Ciência e da Tecnologia, Instituto de Investigação Científica Tropical. Tese apresentada para obtenção do grau de doutor em Antropologia Cultural e Social, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MARTINS, João Vicente (1993) *Crenças, Adivinhação e Medicina Tradicionais dos Tutchokwe do Nordeste de Angola*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.

MASCARENHAS, Constâncio (1934) *Os povos de Angola*, Lisboa, Tipografia Rangel-Bastorá.

MATEUS, Maria Helena, et ali (2005) *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

MATEUS, Maria Helena Mira et ali (1990) *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim (1979) *História e estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão. 2ª Edição.

MELO, Pedro A. G. de (2012) “A dinâmica da mudança toponímica na microrregião de Palmeira dos Índios”, Cruzeiro do Sul, UFAC/CEL in *ANTHENSIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental*, ano 01, nº 2, p. 10-25.

MENDES, Irene da Conceição (1994) O léxico no Português de Moçambique: aspectos neológicos e terminológicos, Dissertação de Mestrado em Lexicologia e Lexicografia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

MINGAS, Amélia A. (2000) *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Luanda, Edições chá de Caxinde.

MUDIAMBO, Quibongue (2014) *Estudos linguísticos sobre a lexicologia e a lexicografia de aprendizagem (aplicados) ao ensino da língua portuguesa*, Lisboa, Edições Colibri.

- NERY, Felipe (1950) *Rumores da Lunda*, Lisboa, Editorial Império.
- NETO, Muamba Garcia (2012) *Aproximação Linguística e Experiência Comunicacional: o caso da Escola de Formação Garcia Neto*, Luanda, Mayamba Editora.
- NGUNGA, Armindo (2004) *Introdução à Linguística Bantu*, Maputo, Imprensa Universitária.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (1952) *Temas de Linguística Banta*, Lisboa, Publicações do Instituto de Línguas africanas e Orientais.
- NTONDO, Zavoni (2006) *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*, Luanda, Editorial Nzila.
- NTONDO, Zavoni (s/d) *A contribuição para uma normalização ortográfica da toponímia de Angola*- art. s/ed.
- PÉLISSIER, René (2013) História das campanhas de Angola, Lisboa, Editorial Estampa. 3ª Edição. Vol. I.
- PÉLISSIER, René (2013) História das campanhas de Angola, Lisboa, Editorial Estampa. 3ª Edição. Vol. II.
- PINHO, Clemente Segundo (1973) “Introdução á Lexicologia”, Lisboa, separata da *Revista Ocidental*.
- QUIVUNA, Manuel (2014) Lexicologia aplicada ao ensino do léxico em português língua não materna, Lisboa, Edições Colibri.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992) *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*, Lisboa, Editorial Caminho.
- REDINHA, José (1969) *Distribuição Étnica da Província de Angola*, Lisboa, Centro de Informação e Turismo de Angola. 5ª Edição.
- REDINHA, José (1966) *Etnossociologia do Nordeste de Angola*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.
- REDINHA, José (1966) *A arte de um povo: quiocos da Lunda*, Porto.
- REDINHA, José (1958) *Etnossociologia do Nordeste de Angola*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar.
- REDINHA, José (1955) *Subsídios para a história arqueológica e etnográfica dos povos da Lunda. Campanha etnográfica ao Tchiboco (alto Chicapa)*, Diamang Publicações Culturais.
- REDINHA, José (1953) *Subsídios para a história arqueológica e etnográfica dos povos da Lunda. Campanha etnográfica ao Tchiboco (alto Chicapa)*, Diamang Publicações Culturais. Vol. I.

ROCHA, M.C. (2005) “Arte da representação: as estátuas de Tshibinda Ilunga”. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 411-431.

ROSTAINING, Charles (1961) *Les noms de lieux*, Paris, Presses Universitaires de France.

SAMPAIO, Bernardo Pedral (1961) “Gentílicos, Topónimos e Alcinhas Colectivas referentes aos municípios do Estado de São Paulo”, *Brasil*, Lisboa, Separata de *Revista de Portugal*- Série A – Volume XXVI.

SANTOS, Isabel A. (1994) *Línguas em contacto e estrangeirismos em vocabulários de especialidade*, Dissertação de Mestrado em Linguística – área de especialização em Lexicologia e Lexicografia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SEABRA, Maria C. T. C. (org.) (2006) *O léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG.

SEABRA, Maria C. T. C. (2006) “Gualacho, Mato Dentro, Outra Banda - topônimos da Região do Carmo – MG: questões léxico-históricas” In: Maria Cândida Trindade Costa de SEABRA. (Org.). *O Léxico em estudo*, Belo Horizonte, UFMG, 2006, v. 1, p. 137-154.

SEEMANN, Jörn (2005) “A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado de ceará”, Rio Grande do Norte, EDUFRN, in *Vivência*, nº 29, pp 207-224.

SERRA, Pedro Cunha (1975) *De Onomástica*, Coimbra, Imprensa Coimbra Lda.

_____ (1968) *Onomástica Ultramarina*, Lisboa, Editorial Império.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas (2011) “Estudo toponímico: âmbitos e perspectivas de análises”, Goiás, *Revista ReVEL*, v. 9, nº 17, pp. 191-210.

SOUSA, Alexandre Melo de (2010) “Toponímia da Amazônia Ocidental Brasileira: Marcas da cultura dos primeiros desbravadores na nomenclatura geográfica acreana”, Rio de Janeiro, CiFEFil in *Revista Philologus*, Ano 16, Nº 48, p. 135-148.

SOUSA, Alexandre Melo de (2007) “Toponímia e ensino: propostas para a aplicação no ensino básico” In *II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*, 2008, Acre, *Anais da II Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, CiFEFil, Nº 01, p. 01-14.

SOUSA, A. M. de (2007a) *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*, Fortaleza. Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutor em Linguística, Letras e Artes, área de especialização em Sociolinguística, pela Universidade Federal do Ceará.

SOUSA, Alexandre Melo de (2007b) “Pelos verdes mares bravios: a toponímia das praias do Ceará”, Rio de Janeiro, *Revista Philologus*, Nº 38, p. 90-108

SOUSA, Alexandre Melo de (2007c) “Geografia e linguística: intersecções no estudo toponímico”, Acre, *Perspetiva Geográfica*, Nº 3, Vol. 1, p. 115- 128.

TAVARES, Ana Paula (2008) “A escrita em Angola: Comunicação e Ruído entre as diferentes Sociedades em Presença” in *Angola on the Move*, Frankfurt, pp.165-172.

TAVARES, M. C. ; ISQUERDO, A. N. (2006) “A questão da estrutura morfológica dos topônimos: um estudo na toponímia sul-mato-grossense”, *Revista Signum. Estudos de Linguagem*, V. 9/2, p. 273-288.

TEIXEIRA, Alberto de Almeida (1948) *Lunda: sua organização e ocupação*, Lisboa, Agência Geral das colónias.

TUCKMAN, Bruce W. (1999) *Manual de Investigação em Educação: metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica*, Lisboa, Tradução da Fundação Calouste Gulbenkian. 4ª Edição.

VASCONCELOS, J. Leite de (1928) *Opúsculos: Filologia*, Coimbra, Imprensa da Universidade. Vol. I

VASCONCELOS, J. Leite de (1931) *Opúsculos: Onomatologia*, Coimbra, Imprensa da Universidade. Vol. III.

VILELA, Mário (1994) *Estudos de Lexicologia do português*, Coimbra, Almedina.

VILELA, Mário, trad. (1979) *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*, Porto, Livraria Civilização.

VILLAS, Gaspar do C. R. (1938) *História Colonial*, Lisboa, Sociedade de Geografia da associação dos arqueólogos. Vol. II.

VILLAS, Gaspar do C. R. (1937) *História Colonial*, Lisboa, Sociedade de Geografia da associação dos arqueólogos. Vol. I.

Gramáticas.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley (1985) *Nova Gramática do Português Contemporânea*, Lisboa, Edições Sá da Costa. 17ª Edição.

SANTOS, Eduardo dos (1962) *Elementos de Gramática quioca*, Lisboa, Agencia Geral do Ultramar.

MARTINS, João Vicente (1990) *Elementos de Gramática Utchokwe*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva e outros (orgs.) (2014) *Gramática do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. I

Dicionários.

BARBOSA, Adriano (1989) *Dicionário Cokwe – Português*, Coimbra, Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa, versão online, consultado entre Janeiro e Maio de 2015.

Dicionário da Língua Portuguesa (2001), Lisboa, Academia das Ciências, Verbo.

Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2001) Lisboa, Círculo de Leitores.

Documentos Oficiais.

- Constituição da República de Angola.
- Ministério da Justiça e Direitos Humanos da República de Angola;
Delegação Provincial da Lunda Sul;
Resposta às questões do programa de recolha de dados da Direcção Nacional da Ordenamento do Território (produzido aos 26 de Agosto de 2014).
- Administração Municipal de Saurimo;
Dados das aldeias /bairros com número da população deste Município de Saurimo (produzido aos 26 de Novembro de 2014).
- Código do Registo Civil das Colónias Ultramarinas aprovado pelo Decreto Lei nº 47678 de 5 de Maio de 1967 sobre os nomes das pessoas.
- Decreto Presidencial nº 3/14 de 3 de Janeiro que aprova o Estatuto Orgânico do Ministério da Administração do Território.
- Lista de Povoações classificadas pelo Ministério da Administração do Território até 1962.
- [Lista de códigos das províncias, municípios e comunas de Angola](#)
- Relatório final do Grupo Técnico da Comissão Multisectorial para a Harmonização da Ortografia da Toponímia da divisão político Administrativa de Angola
- Relatórios dos Grupos Provinciais.
- Resolução nº 3/87 de 23 de Maio que aprova o alfabeto de 6 Línguas Nacionais.
- Decretos 339/70 de 16 de Julho e 50/71 de 23 de Fevereiro sobre as Divisões Administrativas dos Distritos de Angola pertencentes ao Ministério do Ultramar.

- Relatório do Governador Artur Ernesto de Castro Soromenho sobre o Distrito da Lunda, disponível em <https://sobrecs.wordpress.com/acervo-castro-soromenho/artur-ernesto-de-castro-soromenho/> consultado em Fevereiro de 2015.
- Direção Provincial da Cultura da Lunda sul
Ofício nº 025/DPC/2013, sobre as figuras históricas da Lunda Sul, produzido em Saurimo aos 7 de Agosto de 2013.
- Comissão Nacional do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (2008)
Oficina de trabalho sobre o acordo ortográfico de 1990, Luanda, Mayamba Editora.

Sitografia.

FERREIRA, Carlos (2007) A toponímia como património, in *Topónimos e sítios chamadeiros*, blogue (<http://chamadeiros.blogspot.pt/2007/09/toponmia-como-patrimnio1.html>) consultado em 18/11/ 2014.

Lista de figuras.

Figura 1 – mapa de Angola que localiza a província da Lunda Sul.

Figura 2 – mapa da província da Lunda Sul.

Figura 3 – zonas das famílias das línguas Bantu.

Figura 4 – grupos Etnolinguísticos de Angola.

Figura 5 – divisão dos topónimos.

Figura 6 – percentagem de topónimos analisados.

Figura 7 – base de dados dos topónimos.

Lista de tabelas

Tabela 0 – Abreviaturas usadas.

Tabela 1 – portuguesesismos e cokwismos.

Tabela 2 – grande grupo linguístico Cordo-Faniano.

Tabela 3 – grupo Lunda - Cokwe.

Tabela 4 – classificação articulatória das consoantes em Cokwe.

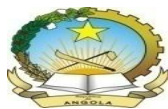
Tabela 5 – vogais em Cokwe.

Tabela 6 – classe de prefixos em Cokwe.

Tabela 7 – quantificação dos topónimos analisados.

Apêndices

Apêndice 1 – Entrevistas e questionários.



REPÚBLICA DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

DIRECÇÃO NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

PROGRAMA PARA A RECOLHA DE DADOS

Entrevista dirigida.

Entrevista dirigida às **autoridades tradicionais**, professores e outros informantes com vista a obtenção de respostas sobre os aspectos socioculturais e históricos de alguns topónimos do município de Saurimo.

Objectivos:

- Conhecer as motivações que originaram os topónimos.
- Fazer uma recolha completa dos topónimos e sítios do município de Saurimo.
- Elaboração de uma lista de topónimos com grafia baseada na pronúncia dos nativos.
- Conhecer o valor histórico dos topónimos e a língua em que são nomeados.
- Identificação das variantes da língua Cokwe no contacto com as outras línguas da região.
- Citar as motivações que se encontram por detrás dos topónimos.

Regedoria:

Dados do informante:

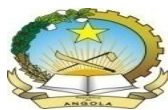
Questões

- 1- Como se chama esta comuna/aldeia/bairro/lugar?
- 2- Como se chama a entidade tradicional máxima desta comuna/aldeia/bairro?
- 3- Em que ano se formou esta localidade/lugar?
- 4- Qual é o significado deste nome e em que língua se encontra?
- 5- Este nome possui uma origem histórica ou cultural? Qual?

- 6- O que terá motivado as pessoas para darem este nome, segundo o que se conta?
- 7- Que línguas se falam nesta localidade?
- 8- Por acaso, pode dizer, soletrando o nome dessa localidade/lugar?
- 9- Conhece outras formas usadas para escrever esse nome?
- 10- Se sim, quais são? Qual é a forma mais usada?
- 11- Qual é a forma que acha que devia ser usada e porque?
- 12- Esta localidade/comuna/bairro tem rios?
- 13- Como se soletram e se escrevem esses rios?
- 14- Para além dos rios, há mais um outro sítio ou monumento nesta localidade/bairro?
- 15- Quantas ruas tem a localidade?
- 16- As ruas têm nomes?
- 17- De onde provém a população da localidade?
- 18- Como se chama os naturais desta localidade na língua Cokwe?
- 19- E como se chamam em português?
- 20- Por acaso, este bairro já teve outro nome no passado?
- 21- Se sim, qual é o nome e qual é a sua origem?
- 22- Qual é o significado do nome na língua?
- 23- Que significado histórico tem o nome?
- 24- Qual é a razão que levou à mudança deste nome?
- 25- Outras questões...

Saurimo, 18 de Agosto de 2014

Catele Jeremias



REPÚBLICA DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

DIRECÇÃO NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

PROGRAMA PARA A RECOLHA DE DADOS

Questionário para Respostas.

Este questionário é dirigido à administração do município de Saurimo com vista à recolha de dados sobre os bairros, o número e o nome das principais avenidas e ruas do município sede, assim como dos rios pertencentes ao mesmo município.

Objectivos:

- Fazer uma recolha completa dos topónimos e sítios do município de Saurimo.
- Elaboração de uma lista de topónimos com a grafia vigente e uma proposta de grafia.
- Citar os topónimos do município de Saurimo com influência gráfica de outras línguas.

Informante: Administração Municipal de Saurimo.

Questões

- 1- A que órgão compete dar nome a uma comuna, bairro ou rua?
- 2- Que lei criou o município de Saurimo?
- 3- Este município já teve outro nome? Que lei modificou esse nome?
- 4- Quantas comunas possui o município de Saurimo?
- 5- Quais são as leis que criam cada um dessas comunas?
- 6- Quantos bairros compõem cada uma dessas comunas?
- 7- Quantas avenidas tem a sede do município?
- 8- Estarão todas elas nomeadas?
- 9- Como se chamam as principais avenidas nomeadas na sede do município?
- 10- Quantas não estão nomeadas?
- 11- Qual é o número de ruas que tem cada comuna?
- 12- As ruas que compõem as comunas estão todas nomeadas?
- 13- Como se encontram nomeadas (grafadas) as ruas dos bairros do município sede?
- 14- Quantas estão nomeadas e quais são os seus nomes?
- 15- Quantos rios possui o município sede?
- 16- Como se distribuem os rios em cada uma das comunas do município?

Catele Jeremias



REPÚBLICA DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

DIRECÇÃO NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

PROGRAMA PARA A RECOLHA DE DADOS

Questionário.

Este questionário destina-se à Direcção Provincial do Ordenamento do Território da Lunda - Sul, à Delegação Provincial da Justiça e Direitos Humanos, à Administração Municipal de Saurimo, com vista obter respostas sobre alguns dos aspectos de realce sobre dos topónimos do município de Saurimo.

Objectivos:

- Recolher os topónimos e sítios do município de Saurimo com vista a harmonização da sua grafia.
- Harmonização gráfica dos topónimos e criação de gentílicos com base à pronúncia e a morfologia da língua em que encontra.
- Encontrar topónimos do município de Saurimo com influência gráfica de outras línguas.

Questões

- 1- Que entidade se encarrega de nomear os novos bairros, ruas, rios, praças, sítios, etc., ou grafar os nomes dados pelos populares?
- 2- Em que outras línguas são nomeadas os bairros e ruas?
- 3- Que órgão se encarrega de mudar os nomes das comunas, bairros, ruas, rios, praças e sítios?
- 4- Quais são os motivos que levam alguns topónimos a serem renomeados?
- 5- Existem critérios a seguir para a atribuição dos topónimos?
- 6- Se sim, quais são?
- 7- Existe alguma lei de base para a escrita dos topónimos?
- 8- Tem-se constatado variação de escrita nos nomes das comunas, bairros e ruas?
- 9- Essas variações criam alguns problemas na escrita dos topónimos já existentes?
- 10- Existem alguns factores que estão na base da variação gráfica dos topónimos?
- 11- As variações gráficas existentes têm o mesmo significado?
- 12- Que posição toma a Administração Municipal quando cidadãos atribuem um outro nome a um bairro, rua, rio ou sítio, diferente daquele que já existe?
- 13- Que benefício traria a harmonização dos topónimos para a toponímia de Saurimo?

Saurimo, 15 de Agosto

Catele Jeremias



REPÚBLICA DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO DO TERRITÓRIO

DIRECÇÃO NACIONAL DE ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

PROGRAMA PARA A RECOLHA DE DADOS

Entrevista dirigida.

Objectivos do programa:

- Fazer uma recolha completa dos topónimos e sítios do município de Saurimo.
- Harmonização gráfica correcta de alguns topónimos e gentílicos Cokwe com base na pronúncia e no alfabeto fonético vigente da língua Cokwe.
- Elaboração de uma lista de topónimos com a grafia vigente e uma proposta de grafia.
- Citar os topónimos do município de Saurimo com influência gráfica de outras línguas.
- Elaborar uma lista com os nomes de todas as escolas do município.

Município: Saurimo

Escolas do município sede

Informante: Amândio Noé Baptista.

Questões.

- 1- Quantas escolas tem o município sede?
- 2- Como estão distribuídas em cada comuna ou bairros?
- 3- Qual é a entidade que se encarrega de nomear as escolas?
- 4- Existem decretos ou despachos que nomeiam as escolas?
- 5- Das escolas existentes, quantas têm nomes em português e quantas têm nomes numa outra língua?
- 6- Em que outras línguas são nomeadas as escolas?
- 7- Estão todas as escolas nomeadas?
- 8- Quantas escolas não têm nome?
- 9- Existem escolas com nomes que possuam algum realce histórico ou cultural?
- 10- Quais são esses nomes?
- 11- Há escolas que tenham mudado de nome desde que foram inauguradas?
- 12- Quais são estas escolas?

Saurimo, 15 de Agosto de 2014

Catele Jeremias

Obs: anexar o nome das escolas distribuídas em comunas.

Apêndice 2 - Entrevistados.
Perfil dos Entrevistados.

Características dos Entrevistados		Entrevistado A	Entrevistado B	Entrevistado C
Sociodemográficas	Nome	Abel Kawoyongo	Jacinto J. Txissoka	João B. A. Manassa
	Idade	48 Anos	45 Anos	57 Anos
	Sexo	Masculino	Masculino	Masculino
	Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Casado
	Local de Nascimento	Lunda Norte Angola	Lunda Sul	Lunda Norte
	Residência actual	Saurimo	Saurimo	Saurimo
	Ocupação em Saurimo	Sacerdote	Regedor	Vice-governador/professor
Características pertinentes	Habilitações literárias	Licenciado	_____	Mestre
	Área de Formação	Filosofia	_____	História
	Profissão / Função	Sacerdote/Professor	Regedor	Professor/vice-governador para sector político
	Língua	Cokwe	Cokwe	Cokwe
	Etnia	Cokwe		Cokwe
	Data da entrevista	23/08/2014	25/08/2014	27, 28 e 29/08/2014

LISTA DE ALGUMAS AUTORIDADES TRADICIONAIS ENTREVISTADAS

Regedorias Sawlimbo, Kazembe, Sameneka e Sweja Mwacisenge wa Tembo.

Entrevistados	Bairros
REGEDORIA SAWLIMBO	
Regedor António Cardoso	Mwangeji
Regedor Adj. Domingos Liangue Saulimbo	Sawlimbo
Soba Herculano Camukula	Mwandondji
Soba João Ipanga Mwawanda	Ngwali Kaluya
Soba António Sango	Saswaha
Soba Martins Yambo	Kayikanga
Soba André Sozinho	Katoka
Soba Saphopho	Saphopho
Soba António Sulamiudo (Kavanga)	Kalwambo
Soba José Munenge	Sambaya/Mwacimbaya
Soba Cândido Mwacamba	Mwacamba
Soba Sacaxima	Sacaxima
REGEDORIA KAZEMBE	
Regedor Jacinto Joaquim Cisoka	Sakhombe
Soba Agostinho Cihiluka Mwaluphephe	Sakhombe
Soba Mário Salvador Sakaliata	Nzaji
Soba Armando Mateus Kalwiji	Cikumina
Seculo Celeste Natália Gomes	
Soba Maria Quinta Bernarda Mendes	Sambukila
Soba Inês Anyese	Sassamba
Soba Mucinenu Bernardo	Lwavuri
Soba Luís Sakandjindji	Passa-bem
REGEDORIA SAMENEKA	
Regedor Domingos Museheni Filipe	Sameneka
Soba Joaquina Flora	Cikapha
Soba Celestino Waseka	Manalto
Soba Augusto Salumbu	Cizayinga I e II
Soba Pedro Miguel	Kazemeka
Regedoria Sweja Mwacisenge wa Tembo	
Regedor Celestino Upale Kheke	

Apêndice 3 – fotografias.



Entrada para a regedoria Sawlimbo, bairro Mwangeji (2014)



Regedor Kazembe (Jacinto Txissoka, 2014)



Autoridades tradicionais



Actual Musumba (RDC).

Retirado da AAL



Escultura de Samanyonga (pensador).



Dançarinos Cokwe (Pode verificar-se ao centro a dançar o *mukixi wa kalelwa*, uma máscara *Citamba*, segundo Bastin). Fonte: Google.



Rua do Luachimo em Saurimo (2014).



Rua k (Saurimo, 2014).

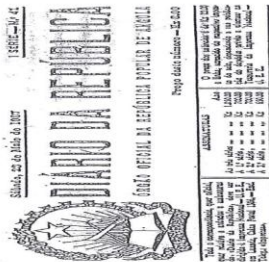


Avenida 4 de Fevereiro, junto ao Governo Provincial.

12

[illegible]

a	[a]	cela	unha
c	[o]	cala	unha
e	[e]	tempo	enxada
z	[z]	mufo	morto
h	[h]	kuhungu	abamar
i	[i]	jimba	infiamasgo
j	[j]	jimba	infiamango
k	[k]	kuvupa	estrapar
i	[i]	lamba	sufriemento
i	[i]	mutu	pessoa
mb	[mb]	mbambo	parafuso
n	[n]	knuka	coser
nd	[nd]	ndaka	estrangeiro
ng	[ng]	ngulu	porco
o	[o]	onga	montira
p	[p]	pambo	peito
s	[s]	kgula	avitar
t	[t]	mutu	pessoa
u	[u]	unpa	ferinha
v	[v]	kuveca	fupir
w	[w]	wanda	alagadão
x	[x]	xima	funji
y	[j]	yanda	caspa
z	[z]	kurula	tirar a roupa



CONSEJO DE MINISTROS

၁၆၆၆ ခု ခုနှစ်

Considero que a Língua Nacional, usada e vivida de sempre cultural, exige um tratamento particular, pois que constitui um dos fatores mais importantes da identidade cultural do povo. (A)

Transição necessária for realizada ao nível
escolas das Ligas Nacionais, base para a sua
desenvolvimento e pronta para a sua prescrição e
prática.

Considerando que os serviços prestados pelo Instituto de Lógica Nacional, resultaram de grande valor econômico para o Estado, e tendo em vista a importância da Lógica Nacional para o desenvolvimento econômico do Brasil, resolve:

Considerando que pelo menos estão expostos, se não todos, a liberação, por meio das águas pluviais, de grandes quantidades de resíduos sólidos, bem como de produtos químicos, é necessário que se adotem medidas para evitar a contaminação do solo e da água.

Considerando que o projeto experimental do Alfo belapelo en Lingua Novante está en vías de co-
nclusión.

Na terceira altura (3) do sítio 33° do L. Cordeiro, e no topo da formação que se encontra para além (4) do sítio 33° da zona 1a, o Concreto de Mafra dura e no sítio 4 e sítio 5 polvilha a regular.

Adão 1.^o—São apóstatas e não confiamos na salvação das línguas estrangeiras, «Aleluia», «Gloria», «Aleluia», «Gloria», e «Gloria» para a salvação das línguas estrangeiras, em uma que foram parte do mesmo idioma.»

SUMMARY

Parashat Shemini

0-9

Après 1 mois expérimental, et 15 jours de 6 heures
Nocturne.

Consejo de Defensa y Seguridad

2000

Aponte e Eusebio Rodrigues no Centro de Investigações
Instituto de Física da Universidade de São Paulo